



Editorial

O Ano Jubilar e a virtude da esperança

Página 3

Encontro com o Pastor

Caminhemos com a Igreja, com a fé do povo santo de Deus

Página 2

Espiritualidade

Fazer o bem tem de ser um propósito verdadeiro

Página 5

Liturgia e Vida

Apresentação do Senhor: 'Luz para iluminar as nações'

Página 9

Comportamento

Que nenhuma vida seja rompida porque nos limitamos a olhar

Página 5

Os jubileus e a transformação do coração humano pela graça divina

Reprodução

CADERNO Fé e Cultura OSÃO PAULO

Uma história de misericórdia e esperança

Francisco Bortolotto

O Jubileu é uma celebração que acontece a cada 50 anos. Mas não se trata apenas de uma festa litúrgica, é um momento de encontro com Deus, de transformação do coração humano pela graça divina. Este caderno aborda a história dos Jubileus, desde o primeiro em Jerusalém até o atual em São Paulo, destacando a importância da misericórdia e da esperança na vida cristã.

Dos antigos jubileus hebraicos à espiritualidade do Jubileu de 2025, esta edição do *Caderno Fé e Cultura* aprofunda a trajetória histórica e espiritual de um povo que, mesmo em meio às lutas, encontra na misericórdia divina e na esperança cristã a força para recomeçar. Descubra como viver essa experiência em São Paulo por meio das sagradas peregrinações e a concessão de indulgências plenárias.

São Paulo Apóstolo: patrono da arquidiocese, da cidade e do estado

Luciney Martins/O SÃO PAULO



Com Cardeal Scherer, crianças atendidas pela Pastoral do Menor depositam flores diante da imagem de São Paulo, em missa na Sé, dia 25

A festa da Conversão de São Paulo Apóstolo, patrono da arquidiocese, da cidade e do estado de São Paulo, foi celebrada no sábado, 25, com uma missa presidida pelo Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo Metropolitano. Na ocasião, também foi comemorado o 471º aniversário de fundação da capital paulista.

Na homilia, Dom Odilo recordou as origens da cidade, ligadas à missão dos Jesuítas em 25 de janeiro de 1554, e destacou a ligação entre a conversão do apóstolo e o chamado à transformação que ainda ecoa nos dias atuais.



**CARDEAL
ODILO PEDRO
SCHERER**

Arcebispo
metropolitano
de São Paulo

Caminhar com a Igreja

Jubileu, é o símbolo da esperança, conforme o texto da Carta aos Hebreus: “A esperança, com efeito, é para nós como uma âncora da alma, segura e firme. Ela penetra além da cortina do Santuário, onde Jesus entrou por nós, como precursor, feito sumo-sacerdote eterno segundo a ordem de Melquisedec” (6,19-20). O véu do Santuário simboliza a capacidade da esperança humana: ela é importante, mas está amparada apenas nas nossas capacidades limitadas. Mas a esperança cristã vai além e está ancorada em Cristo, nosso intercessor eterno diante de Deus.

O Jubileu é tempo de misericórdia e perdão. Na prática, isso é vivido através do perdão buscado, recebido e dado, quer o perdão sacramental, quer o perdão recíproco nas relações humanas. É tempo de fazer as pazes, de reconciliação, de purificação da memória dos ódios, rancores e ressentimentos passados; tempo de pedir perdão por ofensas de todo tipo contra o próximo. Tempo de resolver e superar injustiças e colocar novamente a vida em ordem, sem ficar devendo nada a ninguém, a não ser o amor mútuo. O Papa recomenda que, ao longo deste Ano Jubilar, promovamos iniciativas que ajudem outras pessoas a recobrar a esperança, quer em ações caritativas e de assistência, quer na busca de soluções para os muitos problemas humanos, sociais e ambientais de todos os dias.

Parte importante do Ano Jubilar são as peregrinações, que podem ser feitas para metas universais de peregrinação, como as basílicas pontifícias em Roma e no Vaticano, os túmulos dos Apóstolos, os lugares santos ligados à vida de Jesus e de Maria e os grandes Santuários pelo mundo. Mas todos podem fazer a sua peregrinação também nas “igrejas de peregrinação do Jubileu”, designadas pelos bispos em suas dioceses. Na arquidiocese de São Paulo, temos 12 igrejas de peregrinação, entre as quais também conta a Catedral. As peregrinações podem ser feitas individualmente, ou em grupos. Geralmente, elas são organizadas e preparadas nas paróquias, com oração, confissão sacramental e as orientações necessárias.

As peregrinações fazem parte da experiência religiosa de quase todas as religiões e traduzem bem o significado do lema deste Jubileu: somos todos “peregrinos de esperança”; estamos a caminho durante a vida inteira, na direção da meta final da existência. Cada peregrinação que fazemos nos leva ao encontro de Deus já nesta vida, ou ao encontro com Nossa Senhora, nos santuários marianos, dando-nos alegria e consolo pela etapa alcançada. Mas sabemos que ainda não se trata do encontro definitivo e final. Somos povo de Deus constantemente a caminho.

Cada peregrinação que fazemos nos faz perceber melhor que somos parte de um povo de peregrinos. Não somos os únicos, nem estamos sós. Quanta gente está a caminho, como nós e conosco! E vamos nos dando conta de que ninguém consegue fazer sua peregrinação sem a ajuda de Deus e dos irmãos. E vamos caminhando para a mesma meta final. Partilhemos a fé comum e a alegre esperança de nos encontrarmos, um dia, finalmente reunidos diante de Deus e na companhia dos Anjos e Santos, saciando-nos fartamente da contemplação de sua glória.

Por isso, no início deste ano pastoral, vale recordar uma convicção comprovada pela experiência milenar da Igreja: caminhemos juntos; caminhemos com a Igreja! Não nos deixemos levar pela vaidade, nem sejamos vítimas da soberba e presunção de sabermos o caminho melhor do que a Igreja, comunidade de fé. Quem pretende caminhar sozinho pode ser vítima da incerteza e desorientação, pelo desânimo e o cansaço. E estando perigosamente sozinho, não terá quem o socorra e ampare. Caminhemos com a Igreja, com a fé comum do povo santo de Deus, humildemente, guiados pelo Espírito Santo que assiste a Igreja, pela palavra segura do Magistério da Igreja e pelo exemplo dos Santos que nos precederam no caminho da fé. Peregrinemos com a Igreja.

Estamos no início de mais um ano pastoral, que sucede ao encerramento do sínodo universal sobre a “Igreja sinodal – comunhão, participação e missão”. E também é um Ano Jubilar ordinário. São muitas as motivações para vivermos intensamente este ano.

O Ano Jubilar, ou Ano Santo, é vivido no dia a dia junto com a Igreja toda, acolhendo as questões próprias deste “tempo de graça” que nos é dado. Somos chamados a aprofundar a dimensão da esperança na nossa vida cristã pessoal e comunitária. Todos somos “peregrinos de esperança”, de uma esperança que “não decepciona”, porque está fundada em Deus. cremos no Deus vivo e verdadeiro, Deus fiel às suas promessas, Deus do amor misericordioso e da esperança inabalável.

Jesus Cristo, o Filho de Deus, fez-se homem e se entregou por todos nós sobre a cruz por amor para nos alcançar misericórdia, perdão e vida. A âncora, que também aparece na logomarca deste

PIPOLI AGLIANICO DEL VULTURE
Terra, vino e passione.

APRECIE COM MODERAÇÃO

FANTINI

CAMPAIGN FINANCED ACCORDING TO EU REG. NO. 13082013

Santa Sé renova aprovação do Estatuto e Plano de Estudos da Faculdade de Direito Canônico São Paulo Apóstolo

REDAÇÃO
osaopaulo@uol.com.br

O Dicastério para a Cultura e a Educação aprovou por mais um quinquênio o Estatuto e o Plano de Estudos da Faculdade de Direito Canônico São Paulo Apóstolo (FACDCSP), da Arquidiocese de São Paulo.

O ato foi comunicado por meio de carta enviada pelo Prefeito do referido Dicastério, Cardeal José Tolentino de Mendonça, ao Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo de São Paulo e Grão-Chanceler dessa instituição eclesiástica de ensino superior. Primeira e única faculdade de Direito

Canônico no Brasil, a FACDCSP foi erigida canonicamente em 26 de fevereiro de 2014, fruto da elevação do então Instituto de Direito Canônico “Padre Dr. Giuseppe Benito Pegoraro”.

A instituição possui autonomia para oferecer a formação exigida para a obtenção dos diplomas de mestre e doutor em Direito Canônico, concedidos com o reconhecimento da Santa Sé.

Além de receber alunos de diversas partes do Brasil, a faculdade também abriu extensões do curso de mestrado em Marília (SP), em Teresina (PI) e, no ano passado, iniciou uma extensão do curso em Belém (PA).



Karen Eufrosino

O Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo Metropolitano de São Paulo, presidiu na quinta-feira, 23, na capela do Mosteiro da Visitação de Santa Maria, na Vila Mariana, a missa de encerramento da novena de São Francisco de Sales.

Na homilia, Dom Odilo fez referência às contribuições de São Francisco de Sales à Igreja, não apenas por seus escritos, mas sobretudo por seu testemunho. “São Francisco de Sales foi um grande bispo, grande mestre da vida espiritual cristã; no tempo da contrarreforma, manteve

em sua diocese a posição de pastor, de bondade, de diálogo àquela porção do povo de Deus”, afirmou o Purpurado. O santo, juntamente com Santa Joana de Chantal, foi o fundador da Ordem da Visitação de Santa Maria.

No Mosteiro da Visitação de Santa Maria, as monjas visitandinas procuram, dentro da clausura, viver de forma alegre e silenciosa, cumprindo a sua missão de amar e fazer amar o Sagrado Coração de Jesus, participando desta maneira na evangelização do mundo por uma secreta fecundidade apostólica.

Reprodução



**DICASTERIUM
DE CULTURA ET EDUCATIONE**

Prot. N. 07507/2024 - 281/2019

Cidade do Vaticano, 17 de dezembro de 2024


Eminência Reverendíssima,

pela presente temos o imenso prazer de fazer chegar em anexo, à Vossa Eminência Reverendíssima, o Decreto pelo qual este Dicastério aprova *ad alterum quinquennium* o texto do Estatuto da Faculdade de Direito Canônico São Paulo Apóstolo da Arquidiocese de São Paulo. Além disso, aprovamos o Plano de Estudos em Direito Canônico.

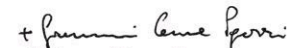
Pedimos à Vossa Eminência Reverendíssima fazer chegar os nossos parabéns às autoridades da Faculdade de Direito Canônico São Paulo Apóstolo. Agradecemos tudo o bem que a Faculdade faz no território e no Brasil.

Permanecendo à Sua disposição, aproveitamos a ocasião para apresentar os nossos cordiais cumprimentos e despedirmo-nos


de Vossa Eminência Reverendíssima
devotamente no Senhor



José Tolentino Card. DE MENDONÇA
Prefeito

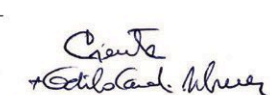


Giovanni Cesare PAGAZZI
Secretário



Prot.: 110/25

Sua Eminência Reverendíssima
Sr. Card. Odilo Pedro SCHERER
Arcebispo Metropolitano de São Paulo
Grão Chanceler da
Faculdade de Direito Canônico São Paulo Apóstolo
= SÃO PAULO =
(Anexo)



Arcebispo de S. Paulo
28/01/2025

00120 CITTÀ DEL VATICANO - info@dce.va



Arquivo pessoal

Na manhã do domingo, 26, Dom Estêvão Binga, o primeiro **Bispo da Diocese de Ganda, em Angola**, concelebrou a missa na Catedral da Sé, presidida pelo Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo de São Paulo. Ganda é a mais nova circunscrição eclesiástica de Angola, criada em agosto de 2024, desmembrada da Diocese de Benguela.

SOLUÇÕES ECLESIAIS ORGSYSTEM

Chancelaria de Bispado

Tribunal Eclesiástico

Gestão Paroquial


Orgsmart
Captura automática de Notas Fiscais.

Orgdom
App de interação entre (Arqui)Diocese e Paroquianos.


Folha de pagamento

Gestão Financeira

Gestão Contábil



Acesse nosso site e conheça nossos produtos!



"Orgsystem, inovando sempre para melhor atendê-lo"

www.orgsystem.com.br


comercial@orgsystem.com.br

Facebook.com/orgsystem/

Instagram.com/orgsystem/

Escritório/Franca
Rua Minas Gerais, 2041
Vila Aparecida - Franca-SP
14401-229
55-16 2103-0666
55-16 99266-8835

Escritório/São Paulo
Av. Paulista 1765 7º Andar
Bela Vista, São Paulo-SP
01311-930
55-11 2450-7344
55-16 99266-8613



Editorial

Jubileu da Esperança

Sabemos todos que este ano de 2025 foi proclamado pelo Papa Francisco como o Jubileu da Esperança – e por isso mesmo vale a pena refletir sobre os dois aspectos desta comemoração: por um lado, trata-se de um *ano jubilar*, e por outro, o grande tema proposto à meditação é a *virtude teologal da esperança*.

A tradição de se proclamar anos jubiliares foi iniciada pela Igreja Católica na Idade Média, mas ela possui inspiração bíblica no Antigo Testamento. De fato, a Lei de Moisés previa a ocorrência de um “jubileu” a cada 50 anos, quando as dívidas pendentes seriam perdoadas, e as propriedades seriam restituídas aos seus donos originais (cf. Lv 25, 8ss). O nome “jubileu” vem do hebraico *yobel*, “chifre de carneiro”, usado como trompeta para indicar o iní-

cio do ano jubilar, e o intervalo de 50 anos era obtido no ano após cada intervalo de sete vezes sete anos.

Inspirado nesta antiga prescrição, o Papa Bonifácio VIII proclamou o primeiro jubileu católico no ano 1300, e a tradição foi aos poucos se estabelecendo de proclamar jubileus periodicamente, até chegar ao padrão atual de 25 anos. Além desses jubileus com datas fixas, que chamamos “ordinários”, os Papas podem também proclamar jubileus “extraordinários” por motivos particulares – como foi o caso do Jubileu da Misericórdia de 2015–2016, e do esperado Jubileu de 2033, comemorando o segundo milênio do Mistério Pascal.

Independentemente de serem ordinários ou extraordinários, os jubileus são para nós, católicos, ocasião para renovarmos nossa fé em Deus,

e buscarmos ganhar indulgências, para expiar as penas temporais do Purgatório. Para isso são propostas uma série de obras indulgenciadas: peregrinações ou visitas piedosas aos lugares sagrados do jubileu, obras de misericórdia e penitência.

O outro aspecto deste Ano Jubilar que vale a pena destacar é seu tema: a virtude teologal da esperança, a “virtude teologal pela qual desejamos o Reino dos céus e a vida eterna como nossa felicidade, pondo toda a nossa confiança nas promessas de Cristo e apoiando-nos, não nas nossas forças, mas no socorro da graça do Espírito Santo” (*Catecismo da Igreja Católica*, CIC 1817).

O que é próprio da esperança, e que a distingue do mero otimismo humano, é a certeza de que a nossa felicidade está na vida eterna do Céu – e não em qualquer projeto

mundano de bem-estar pleno que pretenda saciar as nossas aspirações mais profundas aqui nesta terra. Nem os sistemas político-econômicos, nem os avanços tecnológicos jamais serão capazes de satisfazer o coração humano.

Justamente por isso, porque o objetivo da esperança vai muito além de um projeto humano de bem-estar, só alcançaremos esta felicidade com a graça do Espírito Santo – pois, se nos apoiarmos em nossas próprias forças, nada conseguiremos fazer.

Celebremos, então, com grande júbilo este Jubileu: caminhemos serenos em meio às incertezas e apreensões deste mundo, sabendo que nossas vidas estão nas mãos amorosas e fortes de Deus, que governa a história e a conduz para o bem.

Opinião

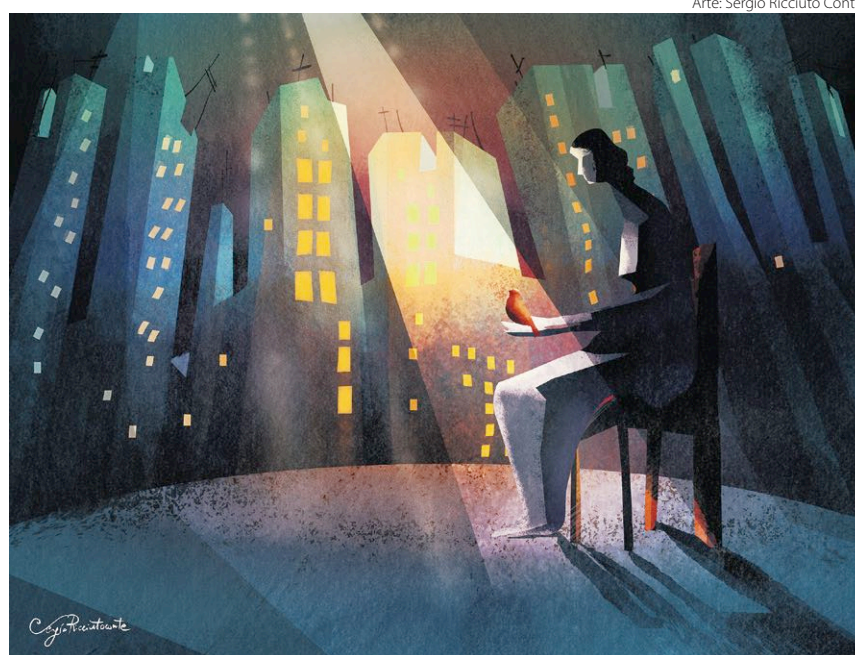
A esperança que é mais encontro realizado que coisa prometida

FRANCISCO BORBA RIBEIRO NETO

Neste Jubileu de 2025, o Papa Francisco nos convida a mergulhar na experiência cristã da esperança. Sabe o quanto a verdadeira esperança é necessária em nossos tempos. Mas, para nós cristãos, o que é a esperança verdadeira e como se distingue daquelas que causam tantas desilusões e sofrimentos?

Diz o *Catecismo da Igreja Católica* (CIC): “A esperança é a virtude teologal pela qual desejamos o Reino dos céus e a vida eterna como nossa felicidade, pondo toda a nossa confiança nas promessas de Cristo e apoiando-nos, não nas nossas forças, mas no socorro da graça do Espírito Santo” (CIC 1817). Porém, se fosse algo só da vida eterna, seria difícil contestar a famosa crítica marxista de que a religião é o “ópio do povo”, uma promessa que não se realiza jamais nesta vida, usada para evitar que nos rebelamos contra as injustiças.

Bento XVI, ciente desse perigo, insiste que a fé, fonte da esperança, “não é só uma inclinação da pessoa para realidades que não de vir, mas estão ainda totalmente ausentes; ela dá-nos algo. Dá-nos já agora algo da realidade esperada” (*Spe salvi*, SS 7). Explica que “chegar a conhecer Deus, o verdadeiro Deus: isso significa receber esperança”, porém, “a nós, que desde sempre convivemos



Arte: Sergio Ricciuto Conte

com o conceito cristão de Deus e a ele nos habituamos, a posse de uma tal esperança que provém do encontro real com este Deus quase nos passa despercebida” (SS 3).

Como explicar, então, essa esperança que é encontro realizado e não tanto coisa prometida? Comentando um trecho de Ítalo Calvino, o padre italiano Luigi Giussani diz: “Quem e o que, no meio do inferno, não é inferno? O Destino! O nosso Destino tornou-se Presença. Mas Presença como pai, mãe, irmão, amigo, como – enquanto caminhávamos – um inesperado companheiro de caminho. Um companheiro de caminho: Emanuel,

o Deus conosco! Isso aconteceu!” (COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO. Cartaz para o Natal de 2024). Essas palavras, em sintonia com o trecho de Bento XVI, nos ajudam a entender a esperança cristã...

Nossa esperança não é aquela de que o inferno desaparecerá, isto é, de que as coisas más não acontecerão. Elas estão aqui, nos cercam, acontecem com bons e com maus. É, inclusive, necessidade e dever moral lutar contra elas, mas isso não garante que as coisas vão terminar como queremos. Nossa esperança é de que passaremos pelas dificuldades em companhia de Cristo. Mas qual o sentido disso?

Quando nos casamos, não temos a ilusão de que não teremos mais problemas na vida. Porém, acreditamos que todos os problemas serão vividos com um gosto novo, com um prazer diferente, que nossos corações experimentarão uma alegria e uma paz que não vem do fim dos problemas, mas de termos encontrado quem nos corresponde na vida.

E como sabemos que aquela pessoa é quem realmente nos corresponde? Se tentarem responder a essa pergunta, os velhos amantes dificilmente encontrarão uma resposta lógica e convincente. Vêm à lembrança tantos sinais, tantas ocasiões, umas felizes, outras tristes, algumas vitoriosas, outras de grandes derrotas! O amor é um grande mistério, que supera as capacidades da razão. O mais razoável não é tentar dissecá-lo logicamente, mas, no máximo, descrevê-lo por meio de uma história.

A esperança cristã é uma experiência similar, guardadas as devidas diferenças. Ela se fortalece na memória das ocasiões em que vimos Deus misteriosamente presente em nossa vida. Não é uma confiança cega em algo que vai acontecer, mas a certeza que vai se consolidando por meio de uma infinidade de pequenos indícios que vão se avolumando ao longo de uma vida.

Francisco Borba Ribeiro Neto é sociólogo e biólogo, editor dos Cadernos Fé e Cultura e Fé e Cidadania do jornal O SÃO PAULO

Comportamento

Não nos limitemos a olhar!

ALECSANDRO A. DE SOUZA

“É com imensa tristeza que anunciamos a notícia de que hoje, 13 de janeiro de 2025, o nosso querido Oliviero embarcou na sua próxima viagem. Pedimos privacidade e compreensão para este momento que gostaríamos de enfrentar na intimidade da família. Kirsti Toscani com Rocco, Lola e Ali”. Com estas palavras, a família anunciou a morte do conhecido fotógrafo italiano, Oliviero Toscani.

Para quem acompanhou o trabalho deste controverso fotógrafo, em especial nas décadas de 1980 e 1990, responsável pelas campanhas publicitárias da empresa italiana de moda Benetton, o pedido da família pode soar um paradoxo. Paradoxo porque Oliviero Toscani tornou-se conhecido justamente por trazer a público aquilo que muitos gostariam que ficasse em privado, incluso momentos de intimidade familiar.

Em 1989, Oliveiro Toscani publicava a fotografia de uma mulher negra que amamentava um bebê branco. Uma imagem que nos desafiou a enfrentar o tema de preconceitos

raciais. A fotografia causou uma polêmica mundial. As operações da Benetton na África do Sul, ainda sob o regime do *Apartheid*, sofreram com constrangimentos infligidos aos seus representantes locais; mas curiosamente, foi nos EUA que após protestos da comunidade afro-americana, a fotografia foi censurada e retirada de circulação.

Em 1992, quando a AIDS, doença causada pelo vírus HIV, ainda era um tema obscuro e suas vítimas estigmatizadas, foi Oliveiro Toscani quem publicou a imagem que retratava David Kirby, portador do vírus em estado terminal e em luto doméstico, acompanhado dos pais e de uma prima. Outra polêmica sucedeu-se, inclusive entre os católicos. No entanto, apesar da polêmica, a família de David Kirby pensava diferente. Disse o pai de Kirby como lembrou a revista *Time* em 2016: “A Benetton não está nos usando, nós é que estamos a usando a Benetton”.

Outro trabalho assinado por Oliveiro Toscani: Monumento a um soldado conhecido. A Benetton voltou-se para a sangrenta guerra civil na

antiga Iugoslávia. Na época, o conflito era ignorado pela mídia mundial. Toscani fotografou as roupas usadas por um jovem combatente chamado Marinko Grago. A fotografia registrava as manchas de sangue e o furo da bala que o vitimara. De certa maneira, Toscani expressava a visão do Papa Francisco sobre a guerra: é um crime contra a humanidade, um horror e uma derrota.

A fotografia de uma Freira beijando um padre, publicada em 1992, e a fotomontagem do Papa Bento XVI beijando o Imã do Cairo Ahmed el Tayeb, em 2011, talvez tenham sido as fotografias mais indigestas e incômodas a nós, católicos. O gênio criativo e provocador de Toscani sucumbiu-se à “concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida”. (1Jo 2, 16). No caso da fotomontagem do Papa, uma ação judicial do Vaticano fez com que o Grupo Benetton a retirasse do “ar” e expressasse um pedido de desculpas público aos católicos.

O trabalho de Toscani revela que – apesar dos pesares – carregava em seu coração “a esperança como dese-

jo e expectativa do bem”, como nos exorta o Papa Francisco na Bula de Proclamação do Ano Jubilar de 2025. Isso fica claro numa carta de 1990 ao jornal *Slobodenje*, de Sarajevo, em que dizia: “Por trás de cada soldado há um homem com sua vida pessoal, e as pessoas que ele ama, a sua história. E atrás de cada vida rompida existe uma responsabilidade de um mundo que se limita a olhar”.

Naturalmente, Oliviero Toscani teve acertos e erros. “Não é uma foto que faz história, é uma escolha ética, estética e política”, dizia Toscani em sua defesa. No entanto, ao final de sua jornada inquietante, alimento a esperança de que ele tenha feito um sincero exame de consciência. “Nós que não somos melhores que os homens medíocres, rezamos sempre para que os outros alcancem o arrependimento misericordioso de que precisamos, como a nossa própria consciência nos diz”, ensina-nos São Tomás Moro. Não devemos ceder ao pessimismo.

Que em nossas escolhas nenhuma vida seja rompida porque nos limitamos a olhar!

Alecsandro A. de Souza é administrador de empresas.

Espiritualidade

Fazer o bem compensa



DOM CARLOS LEMA GARCIA
BISPO AUXILIAR
DA ARQUIDIOCESE
DE SÃO PAULO E
VIGÁRIO EPISCOPAL
PARA EDUCAÇÃO E
UNIVERSIDADE

Há anos um amigo me enviou um artigo de uma revista de economia cujo título chamava a atenção: “Fazer o bem compensa”. Assim começava o artigo: “A filantropia vem se transformando em uma poderosa vantagem competitiva para as empresas e os executivos. Filantropia não é promoção de vendas. É uma questão de postura e de valores da empresa. É possível uma empresa pregar o bem e tratar a pontapés seus funcionários? O bem tem de ser um propósito verdadeiro.”

Vamos pensar em nossa responsabilidade em difundir o bem à nossa volta. A razão disso é que nenhum de nós é uma peça isolada: ninguém pode dizer que as suas coisas apenas dizem respeito a si mesmo. Tudo o que nós fazemos tem repercussão externa, direta ou indiretamente. Assim, por exemplo, uma

pessoa que mente não apenas engana os outros, mas torna-se um mentiroso, ou seja, prejudica a si mesmo e, como consequência, aumenta a maldade do mundo. Também uma pessoa que trabalha a sério contribui para o benefício de toda sociedade. Não só cresce por si mesma, mas eleva os outros.

Encontramos, na segunda leitura do 3º Domingo do Tempo Comum, uma imagem utilizada pelo Apóstolo Paulo, numa de suas epístolas, ao tratar do Corpo Místico de Cristo (I Cor 12, 12-30): o nosso corpo necessita de cada um de seus membros: o dedo mindinho do pé, se estiver quebrado, deixará a pessoa toda imobilizada. E também cada membro necessita do corpo inteiro: isolado, separado do corpo, qualquer um dos membros apodrece e morre. O mesmo acontece na vida da sociedade, na vida da Igreja: nenhum de nós é uma peça isolada. Tudo o que acontece a um membro do Corpo Místico repercute nos outros. Trata-se de um mistério profundo e consolador: considerar que nenhum esforço nosso é perdido, que sempre estamos amparados pelos outros. Um dia Deus nos fará compreender as ressonâncias incalculáveis que tiveram na história do mundo e das pessoas, as palavras, ações e sacrifícios das pessoas boas e, desejamos tam-

bém, as nossas. Perceberemos quanto fruto renderam nas outras pessoas os nossos sacrifícios, orações, trabalhos, incluindo aqueles que considerávamos estéréis ou de pouco interesse. Às vezes podemos pensar que o que podemos fazer é pouco. Mas, se não o fizermos, estaremos deixando de dar a nossa contribuição para o bem da sociedade. As necessidades dos nossos irmãos devem ser também nossas: trabalho, descanso, saúde, roupa, comportamento dentro da família. Sentir como nossas as dores as fadigas dos nossos irmãos; nossos os anseios e esperanças dos que estão à nossa volta e dos que estão geograficamente longe; nossos também os frutos de solidariedade humana que se faz em toda parte.

Por outro lado, todos nós precisamos dos outros: basta pensar na cadeira em que você está sentado nesse momento: quanta gente contribuiu para isso? A madeira cerrada, o projeto do desenho, a execução pelo marceneiro, a venda na loja, o transporte da cadeira até chegar na sua casa etc. Não faríamos nada sem a ajuda das outras pessoas. Também nos consola pensar que nunca estamos sozinhos: a realidade de participarmos do mesmo corpo também nos dá imensa fortaleza. Ajuda-nos a sentirmo-nos sempre apoiados nos outros. Quando

nos sentimos cansados ou com falta de vontade de trabalhar, podemos pensar que, neste momento, há alguém rezando por nós, há alguém contando com a nossa colaboração para o Corpo Místico de Cristo, que é a Igreja.

Por fim, não esqueçamos que as nossas omissões prejudicam os outros: como um pequeno furo num pneu acaba prejudicando o desempenho do carro: pode ter um motor potente, mas com o pneu furado não vai a parte alguma. Devemos sentir mais vivamente ainda nossa responsabilidade pela Comunhão dos Santos: os outros precisam da nossa fidelidade na vida espiritual. Não é um problema exclusivamente “meu”. Se eu não vibro, não luto, estou causando um prejuízo a todo mundo. Não podemos nos desincumbir desta responsabilidade. Nenhum de nós pode isolar-se. Precisamos dar a nossa parcela de contribuição para o bem comum. Não basta fechar-nos nas próprias coisas, como quem se contenta em cumprir o seu dever. Todos estamos convencidos de que o mundo seria diferente se houvesse verdadeira solidariedade da parte de todos. Cada um tem que pensar em que, pessoalmente, poderia fazer mais para contribuir com o bem comum. E constataremos que fazer o bem compensa.

A conversão de São Paulo inspira transformação e esperança para a cidade

DESTACOU O CARDEAL SCHERER, NA MISSA DA FESTA DA CONVERSÃO DE SÃO PAULO E PELOS 471 ANOS DA CAPITAL PAULISTA

FERNANDO GERONAZZO
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

A festa da Conversão de São Paulo Apóstolo, patrono da arquidiocese, da cidade e do estado de São Paulo, foi celebrada no sábado, 25, com uma missa presidida pelo Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo Metropolitano. Na ocasião, também foi comemorado o 471º aniversário de fundação da capital paulista.

A Eucaristia solene foi concelebrada pelos bispos auxiliares e padres da Arquidiocese. Em visita ao Brasil, também concelebrou a missa Dom Dieudonné Datou, Núncio Apostólico no Burundi.

A celebração contou, ainda, com a participação de autoridades civis e militares, entre os quais o prefeito Ricardo Nunes e o governador Tarcísio de Freitas. Também estiveram presentes representantes de igrejas de confissão cristã e de diferentes tradições religiosas.

GRANDE METRÓPOLE

Na homilia, Dom Odilo destacou o papel da cidade como um espaço de convivência, solidariedade e fraternidade, além de reforçar a importância da esperança e da justiça na construção de uma sociedade melhor.

“São Paulo é como as famílias grandes, em que sempre cabe mais um à mesa”, afirmou o Cardeal, destacando o caráter acolhedor da metrópole, que, ao longo dos séculos, tem recebido povos de diferentes origens, culturas e religiões. Ele também ressaltou a vocação histórica da cidade como um lugar de “convivência e interação construtiva”.

O Arcebispo recordou as origens da cidade, ligadas à missão dos Jesuítas no *Pateo do Collegio*, em 25 de janeiro de 1554. Segundo Dom Odilo, a pequena igreja e a escola que deram início à metrópole foram inspiradas no espírito



Luciney Martins/O SÃO PAULO

missionário do apóstolo São Paulo, cujo nome se tornou o símbolo da cidade. “Foi o início e o berço desta cidade imensa”, disse Dom Odilo, destacando a ligação entre a conversão do apóstolo e o chamado à transformação que ainda ecoa nos dias atuais.

Dom Odilo abordou, ainda, os desafios contemporâneos, pedindo atenção especial às populações vulneráveis. “A Deus, nós pedimos ajuda e proteção sobre todos os que vivem em São Paulo, especialmente as pessoas mais vulneráveis e, por vezes, deixadas no esquecimento e no abandono por nós”, declarou. Ele reforçou o papel da solidariedade na construção de uma sociedade mais justa, pedindo “sabedoria e boa vontade” para os líderes e cidadãos na promoção da justiça e da fraternidade.

280 ANOS DE BISPADO EM SÃO PAULO

A celebração também foi marcada pela lembrança dos 280 anos da criação do bispado de São Paulo, ocorrida em 1745, quando Dom João V, rei de Portugal, e o Papa Bento XIV estabeleceram a primeira diocese na região sul do Brasil. Desde então, a Arquidiocese cresceu e tornou-se uma das maiores do mundo. Para Dom Odilo, essa trajetória reflete o compromisso contínuo da Igreja Católica com a evangelização, a promoção da dignidade humana e o diálogo com a sociedade.

O Cardeal destacou ainda que 2025 é um Ano Jubilar para a Igreja Católica, um tempo de graça e renovação espiritual. Ele comparou o exemplo do apóstolo São Paulo à necessidade de constante conversão e abertura ao chamado de Deus.

“Acolhendo como São Paulo o chamado de Deus, a conversão e a docilidade às inspirações do Espírito de Deus, seremos, então, capazes de viver e testemunhar a esperança para uma cidade melhor, um Estado melhor para todos e para um mundo muito melhor de que nós precisamos”, disse.

Por fim, Dom Odilo deixou uma mensagem de esperança para a cidade e seus habitantes: “Somos todos peregrinos de esperança, de uma esperança que não decepciona. Que Deus conceda a todos nós uma esperança firme, que nos faça trabalhar com constância na superação cotidiana dos males que ainda afligem nossa cidade e nosso Estado”.

“A esperança cristã é baseada na fidelidade de Deus, às suas promessas e no amor de Deus que não nos abandona e dá forças para as nossas missões diárias na promoção da solidariedade fraterna, da justiça e da paz. Que o apóstolo São Paulo nos ensine todos os dias com a sua coragem de conversão e interceda por nós”, concluiu o Arcebispo.

CIDADE ACOLHEDORA

Em sua saudação, antes do início da

missa, o governador Tarcísio de Freitas enfatizou o papel histórico de São Paulo: “Essa história teve início, de onde partiram os colonizadores, os bandeirantes, que conquistaram o nosso interior, a partir do Tietê. Uma cidade que viu todos os ciclos econômicos do Brasil, que presenciou a história, uma cidade que se tornou a capital econômica da América Latina, pujante na cultura, uma cidade que acolheu a todos, de braços abertos. Brasileiros de todos os estados, estrangeiros de mais de 200 países, independentemente de qualquer exceção de raça, de cor, de credo”.

O prefeito Ricardo Nunes também ressaltou o acolhimento e a importância econômica da cidade. “Dessa cidade da oportunidade, da geração de emprego e renda, que tantos vieram para cá, de todo canto do Brasil e do mundo, e a tornaram a maior cidade da América Latina. Que possamos ser a nossa cidade cada dia mais acolhedora, cada dia mais humana e cada dia mais uma cidade de oportunidade para todos.”

HOMENAGEM AOS FUNDADORES

Antes da missa na Catedral da Sé, houve o tradicional ato cívico em homenagem aos fundadores da cidade de São Paulo no monumento erguido diante do *Pateo do Collegio*, com a presença do prefeito Ricardo Nunes, de autoridades militares e do Cardeal Odilo Scherer.

Você Pergunta

O que diz a Igreja sobre os espíritas que leem o Evangelho em seus lares?

PADRE CIDO PEREIRA
osaopaulo@uol.com.br

A Maria de Fátima, do bairro Pinheiros, assim me escreve: “Padre, tenho uma prima muito querida que é espírita e faz o Evangelho no lar. Isso é pecado?”

Minha irmã: jamais devemos etiquetar alguém ou alguma atitude diferente da nossa como pecado. Como chamar de

pecado o gesto de alguém que lê o Evangelho em sua casa? Quer exemplo mais bonito do que aquele que nos deu o Papa Francisco lá no Iraque, confraternizando com os islamitas que nem cristãos são?

Por mais que saibamos que os espíritas negam a divindade e a salvação que nos trouxe Jesus, porque eles creem que a pessoa tem sucessivas reencarnações pelas quais se purificam de uma para ou-

tra, eles têm um profundo respeito por Jesus, a quem consideram como um espírito puro ou evoluído. Recordo que para nós, cristãos, Jesus é a segunda pessoa da Santíssima Trindade, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, ou, como dizem os papas, o rosto divino do homem e o rosto humano de Deus.

Eu só fico triste, minha irmã, quando um católico navega com um pé em uma

canoa e outro em outra canoa. Ele corre o risco de não se sustentar em nenhuma delas. Fico triste também com os que deixam o catolicismo e vão para outras igrejas. Isto é um sinal evidente de que esses irmãos ou não foram bem evangelizados ou foram movidos por outras razões que só Deus conhece. Mas sempre respeitmo-nos uns aos outros, oremos uns pelos outros e vivamos intensamente a nossa fé.

São Francisco de Sales: exemplo de mansidão e busca pela vida devota

BISPO, DOUTOR DA IGREJA E GRANDE MESTRE DA ESPIRITUALIDADE CRISTÃ, SÃO FRANCISCO DE SALES É CELEBRADO NO DIA 24 DE JANEIRO

JENNIFER SILVA
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

“A devoção viva e verdadeira, ó Filoteia, pressupõe o amor de Deus. Na medida em que o amor de Deus embeleza nossa alma, ele se chama graça, tornando-nos agradáveis à Sua Divina Majestade; enquanto nos dá a força para fazer o bem, chama-se caridade; mas, quando alcança o grau da perfeição, no qual não apenas nos leva a fazer o bem, mas também nos inspira a agir com cuidado e prontidão, então ele se chama devoção.”

Assim escreveu São Francisco de Sales em Filoteia, um compêndio das cartas enviadas pelo Santo à senhora de Charmois, sobre como alcançar uma vida devota.

O livro tornou-se um dos grandes clássicos do Cristianismo e, ao longo dos séculos, tem orientado os fiéis a viverem uma vida de santidade, alicerçada no pleno amor a Deus. A memória litúrgica de seu autor foi celebrada em 24 de janeiro, e **O SÃO PAULO** faz memória deste grande Santo da Igreja.

BISPO DA MANSIDÃO

Nascido em uma família de barões de Boisy, em Thorens, na Saboia, em 1567, São Francisco de Sales estudou Direito na Universidade de Pádua e chegou a se inscrever na Ordem dos Advogados em 1592. No entanto, seguiu seu chamado à vida religiosa e foi ordenado sacerdote aos 26 anos.

Nomeado Bispo coadjutor de Genebra em 1599, foi empossado como responsável pela Diocese após três anos de episcopado. Durante esse período, visitou mais de 400 paróquias, dedicando-se à formação do clero, à reorganização dos mosteiros e conventos e ao diálogo em um contexto de grandes conflitos religiosos.

Seu episcopado foi vivido com recursos limitados. Residiu em Annecy, capital da Alta Saboia, na França, como um bispo exilado devido às guerras religiosas da época. Como missionário em Chalé, utilizou-se da recém-criada imprensa para imprimir e distribuir homilias para as pessoas como meio de evangelização.

Em meio ao agravamento do Calvinismo, São Francisco de Sales buscou o diálogo com os pastores calvinistas e, com sua mansidão, foi conquistando aos poucos o povo, restaurando a fé católica na região.

“São Francisco de Sales foi um ho-



mem profundamente apostólico. Ele vivia no meio do povo, atendia e dava catequese às crianças, mas, ao mesmo tempo, era profundamente místico, vivendo constantemente na presença de Deus. Ele é muito atual; seus ensinamentos ainda são extremamente pertinentes para os homens e mulheres contemporâneos”, destacou o Padre Agnaldo Costa Júnior, missionário de São Francisco de Sales e pároco da Paróquia Pessoal Francesa, na Arquidiocese de São Paulo.

O Sacerdote, que foi batizado no dia da festa litúrgica de São Francisco de Sales e cresceu em uma paróquia dedicada ao Doutor da Igreja, ressaltou que o Santo se destacou por suas ideias inovadoras, como a de que a santidade cristã é para todos e não reservada a uma elite espiritual. Também enfatizou a forma amorosa com que ele procurava resolver as divergências com os calvinistas: “Ele dizia que os muros de Genebra não seriam derrubados por armas, mas pelo amor”, lembrou o Padre Agnaldo.

São Francisco de Sales fundou, ainda, em 1610, em Annecy, com Santa Joana de Chantal, a Congregação da Visitação de Santa Maria. Seu falecimento ocorreu em 28 de dezembro de 1622, em Lyon, aos 52 anos.

INTRODUÇÃO À VIDA DEVOTA

Para a senhora de Charmois, o Santo escreveu uma série de anotações sobre como alcançar uma vida interior fundamentada no amor a Deus. Esses escritos chegaram às mãos do sacerdote jesuíta Jean Fourier, que sugeriu a publicação do material. Para esse fim, a obra ganhou um destinatário fictício, chamado Filoteia, que significa “alma amiga de Deus”, ou seja, todo aquele que busca a santidade.

“A palavra devoção é um conceito próprio do século XVII, que não significa simplesmente práticas devocionais. Devoção significa o amor de Deus agindo em nossos corações. A vida devota é a vida do batismo, é a santidade do batismo”, explicou o Padre Agnaldo.

O que São Francisco de Sales escreve em Filoteia representa uma bússola para toda a formação da Igreja ao longo dos séculos, sendo amplamente citada, conforme o missionário salesiano, durante o Concílio Vaticano II, na *Lumen gentium*, e, mais recentemente, na encíclica do Papa Francisco, *Dilexit nos*.

Além de Filoteia, São Francisco de Sales escreveu cerca de 2 mil cartas endereçadas a diferentes pessoas e outra obra clássica da literatura: O Tratado do Amor de Deus, que aborda, de maneira profunda, o conteúdo teológico e espiritual sobre a vocação de cada pessoa.

‘NA GRAÇA DE DEUS’

Os conselhos de São Francisco de Sales em Filoteia continuam a contribuir para o crescimento espiritual de muitos fiéis. Entre eles, está Maria Teresa Rosa, de 41 anos, professora de espiritualidade e formação vocacional, além de especialista em prevenção de abusos na Igreja.

Residente em São José dos Campos (SP), Maria Teresa cresceu em uma paróquia administrada pelos salesianos de Dom Bosco, mas passou boa parte de sua vida sem conhecer profundamente a vida do Santo. Ela recordou que tentou ler Filoteia três vezes, mas não conseguia compreender seu real ensinamento.

Em Roma, para estudar teologia espiritual, Maria Teresa teve a oportunidade de acessar a obra de forma mais profunda: “Eu já tinha muitos anos de vida pastoral e sabia que queria viver uma vida

com Deus, mas ainda não tinha encontrado um modo eficaz. Quando me deparei com Filoteia, vi qual era o caminho de santidade que eu deveria percorrer”, compartilhou.

Em seu trabalho de formação vocacional, ela sempre destaca as virtudes de São Francisco de Sales, enfatizando sua compreensão de que a razão tem a função de iluminar o caminho, pois o Bispo sempre ensinou que, para uma boa vida de devoção e oração, é necessário meditar sobre a realidade e as consequências de cada escolha.

Na jornada pessoal em busca da santidade, Maria Teresa reconhece suas limitações e falhas, mas não deixa de lembrar a importância do Doutor da Igreja nesse caminho: “Francisco de Sales transformou a minha relação com Deus, ele me ajudou a ser uma nova pessoa, na graça de Deus”, refletiu.

10 CONSELHOS ESPIRITUAIS DE SÃO FRANCISCO DE SALES A PARTIR DE FILOTEIA:

- ✓ Comece pela purificação da alma;
- ✓ Busque receber o sacramento da Penitência;
- ✓ Medite sobre a criação e sobre todas as coisas de Deus;
- ✓ Esteja em constante oração;
- ✓ Seja devoto à Palavra de Deus;
- ✓ Busque comungar o Corpo de Jesus Cristo a cada domingo;
- ✓ Seja humilde para preservar os dons do Espírito Santo;
- ✓ Seja manso e humilde de coração;
- ✓ Tenha zelo pelas tarefas que realiza cotidianamente;
- ✓ Fale sempre de Deus.

Curso para os Bispos do Brasil destaca os desafios da evangelização

REDAÇÃO
osaopaulo@uol.com.br

Entre os dias 27 e 31, acontece, no Rio de Janeiro, a 34ª edição do Curso para os Bispos do Brasil. O evento, organizado pela Arquidiocese do Rio de Janeiro e realizado no Centro de Estudos do Sumaré, reúne membros do episcopado nacional para estudo, reflexão e convivência, abordando o tema “O Kerigma e os desafios pastorais como fonte de esperança”.

Entre os conferencistas, destacam-se o Cardeal Victor Fernandes, Prefeito do Dicastério para a Doutrina da Fé que, que abordou o tema “O Kerigma proposto pelo Papa Francisco no contexto brasileiro” e “O impacto concreto do Kerigma na reflexão teológico-espiritual e na práxis pastoral”.

Recordando o convite do Papa a um estado permanente de missão, o Purpurado argentino definiu o kerigma como “a proclamação (ato de anunciar) da mensagem pascal que provoca a irrupção de um acontecimento na pessoa e na sociedade (o Reino). É um anúncio potente, que tem em si mesmo a força



Arquidiocese do Rio de Janeiro

de provocar uma experiência, que por sua vez funda uma situação nova”.

A proposta que o magistério de Francisco traz, ressaltou Dom Victor, exige uma conversão pastoral e missionária que pressupõe uma renovação pessoal. Outro convidado internacional é Dom Rino Fisichella, Pró-Prefeito do Dicastério para a Evangelização, que

falará sobre “O Jubileu da Esperança: evento, perspectivas e legado”.

Promovido desde 1990, o Curso para os Bispos visa a proporcionar ao episcopado brasileiro um espaço de formação e diálogo sobre temas relevantes para a Igreja e a sociedade contemporânea.

Fonte: Arquidiocese do Rio de Janeiro

Leigos brasileiros são instituídos no ministério de leitor pelo Papa Francisco

No domingo, 26, durante a missa do Domingo da Palavra de Deus, na Basílica de São Pedro, no Vaticano, o Papa Francisco instituiu 40 leigos de 11 nacionalidades no ministério de leitor, entre eles, quatro brasileiros: Maria Cristina da Silva, leiga da Diocese de Guarulhos (SP); Marcelo Mito, da Arquidiocese de Porto Alegre (RS); Lucimara Trevizan, da Arquidiocese de Belo

Horizonte (MG); e Venilde Duarte da Silva, da Diocese de Bonfim (BA).

A instituição aconteceu no rito realizado logo após a proclamação do Evangelho. Diante do Santo Padre, os novos leitores assumiram publicamente a missão de proclamar e testemunhar a Palavra de Deus, um serviço essencial para a Igreja.

Maria Cristina expressou a alegria e

o compromisso ao receber esta importante missão. “Estou me sentindo muito feliz e fortalecida para continuar a missão de proclamar, testemunhar e ensinar a Palavra. Hoje, diante dos desafios que o mundo apresenta, fazer ecoar a Palavra é essencial para não perdermos a esperança de uma nova realidade configurada em Cristo”, afirmou.

Fonte: CNBB Sul 1

Escolas da educação básica iniciam ano letivo com proibição de celular

Com o início do ano letivo e a volta gradual das atividades em instituições de ensino públicas e privadas, as escolas ainda aguardam o detalhamento da Lei 15.100/2025, que proibiu o uso dos celulares durante as aulas, recreio ou intervalos de todo o ensino básico, desde o dia 13 de janeiro de 2025. O Ministério da Educação (MEC) informou que vai regulamentar a lei com instruções mais detalhadas, mas, até a segunda-feira, 27, as normas não foram divulgadas.

No Distrito Federal, por exemplo, a rede pública de ensino proíbe o uso dos equipamentos eletrônicos apenas dentro da sala de aula, conforme a Lei Distrital 4.131/2008. Para ampliar a proibição, a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal informou que aguarda a regulamentação do MEC. “Somente após essa etapa será possível analisar detalhadamente a nova legislação e implementar as novas diretrizes estabelecidas pelo governo federal”, informou por meio de nota.

A volta às aulas na rede pública de todo o País, nesta segunda-feira, tem motivado iniciativas pelas próprias secretarias estaduais, como é o caso do estado do Pará. “Nós estamos fazendo uma discussão agora, neste início de ano letivo, dos procedimentos, de como fazer para regulamentar. Para nós, também é importante, porque sabemos que o Ministério da Educação está trabalhando numa regulação, um apoio em relação à aplicabilidade, às formas, e acompanharemos esse trabalho junto com o MEC”, afirmou o secretário de Educação do Pará, Rossieli Soares.

Fonte: Agência Brasil

VES
TIBULAR
ASSUNÇÃO
2024.2



ASSUNÇÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO

Transforme o seu futuro com a parceria entre o ASSUNÇÃO e a Arquidiocese de São Paulo. Oferecemos **35% de desconto** em todos os cursos de Graduação e Pós-Graduação aos candidatos que apresentarem carta de indicação* de sua Paróquia no ato da matrícula.

*Carta assinada e em papel timbrado da Paróquia, que contenha o encaminhamento para que o candidato seja contemplado com a condição especial conferida para os paroquianos.

Fale com a gente via WhatsApp!

www.unifai.edu.br

Rua Afonso Celso, 711 (Metrô Santa Cruz) - Vila Mariana - (11) 5087-0187



Use o QRCode para acessar o Caderno Cultural na internet, com mais artigos e links citados.

Uma história de misericórdia e esperança

Arte: Sergio Ricciuto Conte



Francisco Borba
Ribeiro Neto*

O desejo de perdão e reconciliação está inscrito no coração humano. Mesmo que tentemos negar, conhecemos nossas transgressões, nosso pecado está sempre diante de nós (cf. Sl 51,3). O amor que perdoa e reconstrói o vínculo despedaçado pelo mal é um elemento fundamental do anúncio cristão: Aquele sem pecado se oferece como sacrifício perfeito, santo e imaculado para a salvação dos pecadores. Contudo, até mesmo a gratuidade incomensurável da misericórdia pesa contra o pecador. Foi perdoado do mal praticado, mas os frutos do mal nem sempre são elimináveis. Foi perdoado e agora, movido pela gratidão sincera, quer corresponder ao dom recebido. Mas como?

A sabedoria da Igreja, ao longo dos séculos, precisava responder a essa questão – e não podia ser com uma resposta abstrata e conceitual apenas. O ser humano é uma criatura material. Conhece o mundo por meio da materialidade da vida, precisa de elementos concretos para assimilar – mesmo que pouco compreendendo – a profundidade do Mistério. Deus não precisa dos sinais externos que acompanha grande parte da religiosidade do povo católico, mas os fiéis precisam desses sinais para adentrar no Mistério insondável do amor com o qual são

Os jubileus estão entre os eventos mais extraordinários da história da Igreja. Neles, sob as vicissitudes dos contextos históricos e das lutas por poder, o ser humano, com toda a materialidade de seu corpo e todo o querer de seu coração pecador, se amalgama à gratuidade da misericórdia divina. Para aqueles abertos aos sinais de Deus, é uma trajetória, tanto histórica quanto pessoal, plena de maravilhas. Neste Caderno Fé e Cultura, acompanhamos a história dos jubileus, desde o mundo hebraico antigo até nossos dias. Procuramos também retomar a sua espiritualidade, a partir de algumas obras de arte significativas – afinal, como diz um documento do Pontifício Conselho para a Cultura, “o belo nos diz mais sobre o verdadeiro e o bom”. Por fim, procuramos elucidar dúvidas e mostrar como participar do Jubileu 2025 também em São Paulo, sem peregrinar a Roma.

agraciados. Tolo aquele que se considera suficientemente sábio para não precisar de sinais e gestos exteriores para conhecer o Incomensurável. Na verdade, não entendeu a imensa ternura com a qual Deus acompanha seu povo.

Mas, justamente porque somos tolos e infiéis, precisamos amadurecer no tempo para entender (um pouco melhor, nunca totalmente) as coisas de Deus. E é um tempo sempre cheio de contradições e erros, um desenvolvimento nunca linear e isento de pecados. Isso vale para cada um de nós, como pessoa, vale para todos nós, como povo. Com essa compreensão, ao conhecer a história dos jubileus cristãos, mergulhamos num comovente testemunho de gente pe-

cadora, “bestial como sempre, carnal, egoísta como sempre, interessada e obtusa como sempre foram, mas ainda assim sempre lutando, sempre reafirmando, sempre retomando sua marcha no caminho iluminado pela luz”, como diria T. S. Eliot (cf. *Corros de A Rocha*. Coimbra: Edições Tenacitas, 2014). Gente como nós, talvez um pouco pior, talvez um pouco melhor, que conhece a esperança que nasce do encontro com a misericórdia...

Testemunho de esperança. Nos jubileus, em nosso tempo de individualismo exacerbado, culto ao sucesso, ressentimentos justos e injustos, de que o ser humano mais necessita? Descobrir-se amado gratuitamente,

descobrir que seus erros e seus limites não dão a última palavra sobre seu destino, descobrir-se “misericordiado” (FRANCISCO. *Mensagem por ocasião da celebração do Jubileu Extraordinário da Misericórdia no continente americano*. Santa Fé, 2016). O Papa Francisco fez daquele fio condutor que perpassa todos os jubileus, o próprio tema do Jubileu Extraordinário de 2015.

Contudo, não bastava aprofundar a misericórdia. Para que ela dê plenamente seus frutos, precisa desenvolver-se como esperança, a irmã menor que porta avante a fé e a caridade, nas palavras de C. Péguy (cf. *Pórtico do Mistério da Segunda Virtude*. Lisboa: Paulinas, 2014). Assim, Francisco escolheu a esperança como tema do Jubileu de 2025.

O Jubileu 2025 nos convida a um duplo caminho. Precisamos compreender o que a esperança cristã significa para nós mesmos, nos afastando das ilusões de uma espécie de força do pensamento positivo cristão. Ao mesmo tempo, somos chamados a nos tornarmos portadores de esperança, com o testemunho e com obras que levem efetivamente a esperança, também no plano material, àqueles que sofrem, aos pobres, aos doentes, aos encarcerados – viver a experiência cristã com aquela integralidade que já está presente no jubileu hebraico do Antigo Testamento.

* Sociólogo e biólogo, editor dos Cadernos Fé e Cultura e Fé e Cidadania do jornal O SÃO PAULO

A misericórdia e o perdão restauram o mundo

Os Jubileus, entre o povo judeu, tinham um profundo significado religioso, social e econômico. O ano do Yôbêl, representa um período de restauração e libertação, celebrado a cada quinquagésimo ano, com profundo impacto na vida da comunidade.

Nos mais diferentes povos e culturas, encontramos ritos de expiação e reconciliação com a divindade ou com a própria natureza divinizada. A despeito de todas as racionalizações da Modernidade, o ser humano sempre teve ao menos uma intuição do próprio mal. Do “pecado original” que o distancia de seu Criador – e sempre procurou, com seus ritos, suas tradições e suas leis, encontrar formas de reparar essa fratura que o separa de Deus, de seus semelhantes, do mundo criado e, paradoxalmente, de si próprio.

Em uma resposta a essa ânsia sempre presente, Deus instruiu o povo hebreu a viver, periodicamente, um grande tempo de expiação, reconciliação e pacificação. Estes eram os jubileus. Aconteceriam sempre no quinquagésimo ano, depois de 7 ciclos de 7 anos. Seu início era anunciado pelo toque das trombetas de chifres de carneiro (o *shofar*), que deveriam ressoar por toda a terra de Israel. A própria palavra jubileu teria origem no hebraico *yôbêl*, que estaria associada a esta trombeta de chifre. Alguns autores, contudo, consideram que a primeira associação seria com a palavra para afluente ou fluxo de água. O jubileu seria um tempo de passagem, de fluxo. Posteriormente, a palavra teria sido associada também à trombeta que anunciava a festa.

Um evento que abraça a vida em sua totalidade. O Livro do Levítico (25, 1-55) nos esclarece sobre esse tempo e as obrigações em que implicava. São instruções que Deus transmite a Moi-

sés no Monte Sinai, referentes a como os israelitas devem se portar na terra que Ele haverá de dar-lhes:

“Durante seis anos semearás a tua terra, durante seis anos podarás a tua vinha e recolherás os seus frutos. Mas o sétimo ano será um sábado, um repouso para a terra, um sábado em honra do Senhor: não semearás o teu campo, nem podarás a tua vinha, não colherás o que nascer dos grãos caídos de tua ceifa, nem as uvas de tua vinha não podada, porque é um ano de repouso para a terra [...] Contarás sete anos sabáticos, sete vezes sete anos, cuja duração fará um período de quarenta e nove anos. Tocarás então a trombeta no décimo dia do sétimo mês: tocareis a trombeta no dia das Expições em toda a vossa terra. Santificareis o quinquagésimo ano e publicareis a liberdade na terra para todos os seus habitantes. Será o vosso jubileu. Voltareis cada um para as suas terras e para a sua família [...]

Não semeareis, não ceifareis o que a terra produzir espontaneamente, e não vindimareis a vinha não podada, pois é o jubileu que vos será sagrado [...] Se disserdes: que comeremos nós no sétimo ano, se não semearmos, nem recolhermos os nossos frutos? Eu vos darei a minha bênção no sexto ano, e a terra produzirá uma colheita para três anos [...]

“A terra não se venderá para sem-

pre, porque a terra é minha, e vós estais em minha casa como estrangeiros ou hóspedes. Portanto, em todo o território de vossa propriedade, concedereis o direito de resgatar a terra [...] A terra vendida ficará nas mãos do comprador até o ano jubilar; sairá do poder deste no ano do jubileu, e voltará à posse do seu antigo dono [...]

Se teu irmão se tornar pobre junto de ti, e as suas mãos se enfraquecerem, sustentá-lo-ás, mesmo que se trate de um estrangeiro ou de um hóspede, a fim de que ele viva contigo [...] Se teu irmão se tornar pobre junto de ti e se vender a ti, não exigirás dele um serviço de escravo. Estará em tua casa como um operário, e como um hóspede estará a teu serviço até o ano jubilar. Sairá então de tua casa, ele e seus filhos, com ele voltará para a sua família e para a herança de seus pais, porque os filhos de Israel são meus servos que tirei da terra do Egito. Eu sou o Senhor, vosso Deus”

Não se tratava de um evento religioso apenas. Ele adentrava na estrutura da própria sociedade, restabelecendo uma justiça que seria impossível segundo apenas a lei humana. As terras seriam restituídas, os escravos seriam libertados, as dívidas seriam perdoadas. Até mesmo a natureza repousaria. A misericórdia seria experimentada e transmitida por todo o povo. Cada um poderia se re-

conhecer beneficiário e protagonista da Lei de Deus.

Tempo de confiança no Senhor. Os jubileus tinham um impacto significativo na sociedade israelita. Deveriam garantir certo equilíbrio econômico, evitando que as desigualdades crescessem a ponto de comprometer a estrutura social. Numa nação dependente da atividade agropastoril, a restituição de terras evitava a acumulação de riqueza por poucos e procurava permitir que todas as famílias tivessem acesso aos meios de subsistência.

Mas seria muito reduutivo pensar neles apenas por seu significado socioeconômico. Sua força nasce, sem dúvida, de seu profundo chamado religioso. É um povo que se encontra ao se compreender “sendo do Senhor”, na medida em que cada um entrega-se a Ele com confiança. A terra pode descansar, os seres humanos podem permanecer em paz mesmo não cultivando porque Ele lhes dará suas bênçãos, para que o alimento permanece suficiente mesmo neste ano. As diferenças sociais e os tratamentos desiguais não devem ser tolerados porque os filhos de Israel pertencem a Deus – e não uns aos outros.

O povo que vive o tempo do jubileu se liberta na medida que se entrega confiante ao Senhor. Nessa entrega, se regenera a humanidade ferida pelo pecado, se recuperam os vínculos sociais corrompidos pelo egoísmo, a própria natureza se revela pródiga e acolhedora, como era na origem dos tempos.

Detalhe de A expulsão de Adão e Eva do Paraíso, de John Martin (1823-1827). Óleo sobre tela.



Uma ruptura que clama por reconciliação. O pecado original e a expulsão do Paraíso não representam apenas um erro moral. São o sinal de nossa incapacidade estrutural de realizarmos o bem que desejamos para nós e para os que amamos. Trata-se de uma dor que nos impulsiona a buscar, mesmo que inconscientemente, o perdão que nos regenera. “Uma necessidade premente: a sede que se torna inquietação, busca, ferida sempre pronta a reabrir [...] O bem que alcançamos, mais cedo ou mais tarde, escapa de nossas mãos. Sucessos desmoronam, conquistas e certezas desaparecem. Somos os primeiros a decepcionar a confiança daqueles que caminham ao nosso lado. Somos frágeis, caímos. Acabamos nos tornando cúmplices do mal: um mal que às vezes se torna atroz, injustificável. Ela pode varrer o amor e fazer as pessoas sangrarem, não apenas no campo de batalha. Outros, igualmente, despejam sobre nós o peso do seu egoísmo, fruto muitas vezes amargo da mesma precariedade compartilhada conosco. Estamos sempre aquém da imensa amplidão do desejo, inevitavelmente inadequados para responder a uma carência que não somos capazes de satisfazer plenamente”. (ZARDIN, D. Il cuore del vivere [in] Giubilei. Il perdono che ridona la vita. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2024).

Reconstruindo o vínculo despedaçado

A obtenção do perdão dos pecados, na história da Igreja, se desenvolveu de um processo informal e pouco estruturado às práticas penitenciais normatizadas e consolidadas de nossos dias. Os primeiros cristãos já sabiam que a conversão e o subsequente batismo lavavam a culpa anterior, como atesta o Credo niceno-constantinopolitano do século IV: “Professo um só batismo para a remissão dos pecados”. Os pecados graves cometidos posteriormente, porém, rompiam novamente o vínculo de comunhão, demandando um novo passo.

É da natureza humana exigir sinais externos de arrependimento e conversão para refazer o laço rompido. O perdão pode ser dado gratuitamente (aliás, este é o único verdadeiro), mas todo amante sabe o quanto precisa de gestos exteriores tanto para se sentir perdoado quanto para demonstrar seu arrependimento à pessoa amada.

Assim, os já batizados deveriam fazer uma declaração dos pecados graves perante toda a comunidade, seguida de penas rigorosas e muitas vezes públicas, que incluíam jejuns, privação da comunhão, vestimenta de sacos e outros padecimentos. O acento no caráter público não vinha da vontade de envergonhar o pecador – ainda que a humilhação sempre fizesse parte da penitência. O mais importante era o caráter comunitário da presença de Deus, por meio da comunidade eclesial: ela toda é vítima do pecado e, como tal, deve participar do momento de expiação. Mesmo assim, em 459, o Papa São Leão Magno já alertava os bispos quanto aos excessos que poderiam envolver a confissão pública.

Entre os séculos VI e IX, foi-se consolidando na Europa continental, vinda das ilhas britânicas, uma forma de Confissão totalmente privada, tanto na declaração dos pecados quanto nas penas. Era originada nos mosteiros, em uma prática semelhante à moderna direção espiritual, em que um monge mais experiente orientava os mais jovens e ouvia-lhes a Confissão dos pecados. Também nesse período, começou a se consolidar a ideia de um purgatório, no qual as almas passariam por um processo final de purificação para poderem adentrar o Paraíso – conceito estruturado e reconhecido em sucessivos concílios, como o Quarto de Latrão (1215) e o Segundo de Lyon (1274).

Gestos de expiação. As indulgências se originaram, nessa época, como um meio

Desde os primeiros tempos, o Cristianismo entendeu que o pecado representa uma ruptura do relacionamento com Deus e com a comunidade, mas que podem ser perdoados e o vínculo refeito mediante um poder dado por Jesus aos apóstolos e seus sucessores (Jo 20,21-23). Ao longo de uma história plena de contradições, arrependimentos e graças, a Igreja vai superando formalismos e desvios, para enfatizar sempre mais a conversão pessoal e o amor de Deus.

de aliviar as severas penitências e reduzir a passagem pelo purgatório, praticando para isso atos meritórios de devoção, contrição e caridade. Era, desde as origens, uma prática intimamente ligada ao sacramento da Penitência, por meio do qual a Igreja concederia a remissão das pe-

nas temporais associadas ao pecado.

O Papa Urbano II, no Concílio de Clermont, em 1095, prometeu indulgências plenárias para aqueles que participaram das Cruzadas. Tratava-se de praticar um ato bom, ainda que penoso, para aliviar o peso dos pecados. Para os guerreiros, lutar para defender a Cristandade era

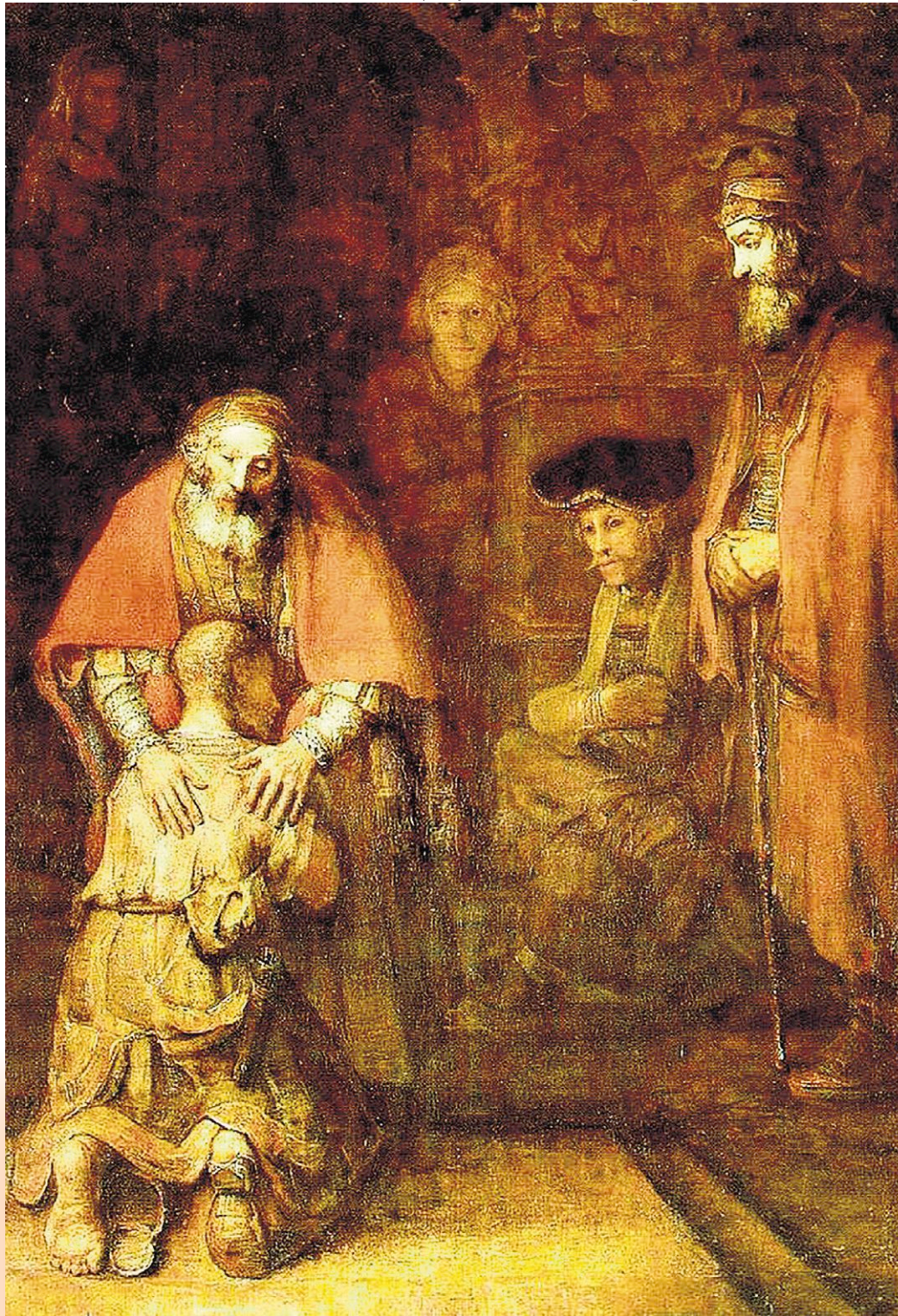
uma forma de sacrifício possível. Para os ricos, poderia ser desembolsar recursos para as obras de caridade e a edificação da Igreja. Seguindo essa lógica, a peregrinação a lugares santos se constituiu em uma forma de sacrifício que poderia ser oferecido, em teoria, a todos.

No final da Idade Média, as indulgências eram cada vez mais usadas para financiar projetos da Igreja, como a construção de catedrais e o apoio a obras de caridade. No entanto, isso levou a abusos generalizados, com alguns clérigos vendendo indulgências para obter ganhos financeiros em vez de benefícios espirituais. O Quarto Concílio de Latrão, em 1215, tentou conter esses abusos, regulamentando a concessão de indulgências.

Valorizando o gesto. No final da Idade Média, uma série de abusos afetavam as práticas, tanto do sacramento da confissão quanto da obtenção de indulgências, como cobrança pelas Confissões, venda de indulgências e critérios subjetivos para a absolvição dos pecados. Esses problemas tiveram sem dúvida influência no êxito da Reforma Protestante, no século XVI. Coube ao Concílio de Trento (1545-1563) procurar resolver esses problemas, consolidando ainda mais a prática da Confissão privada, definindo claramente o papel do sacerdote, reafirmando a importância do segredo confessional. O Concílio reafirmou a validade das indulgências, mas condenou sua exploração comercial. O Papa Pio V aboliu ainda mais quaisquer transações financeiras relacionadas a indulgências em 1567, enfatizando que elas deveriam estar ligadas exclusivamente a atos de piedade e caridade.

No século XX, o Concílio Vaticano II sublinhou a dimensão eclesial e litúrgica do sacramento da penitência, valorizando seu aspecto de manifestação da misericórdia de Deus e que a reconciliação não é só com Deus, mas também com a comunidade eclesial, ferida pelo pecado (*Lumen gentium*, LG 11). A constituição apostólica *Indulgentiarum Doctrina* (1967) normatiza a concessão das indulgências. Explica que, para sua obtenção, é preciso realizar uma obra devidamente qualificada para tal, fazer a Confissão sacramental, receber a comunhão eucarística e orar nas intenções do Papa – além do arrependimento sincero. O foco foi deslocado das coisas e lugares para a ação dos fiéis, enfatizando que são concedidas por meio de atos de virtude.

Reprodução de O Retorno do Filho Pródigo, de Rembrandt (cerca de 1668). Óleo sobre tela.



A reconciliação possível pela misericórdia. O ser humano não pode superar sua limitação constitutiva. O mal pode ser evitado, escondido ou até vivido com culpa angustiante – mas não pode ser totalmente eliminado. Só um amor misericordioso e gratuito pode recuperar o vínculo despedaçado pelo pecado. Rembrandt ilustrou, em *O Retorno do Filho Pródigo*, este conceito teológico. O abraço do pai, uma figura luminosa num contexto escuro, simboliza a misericórdia divina. Sua postura, com uma das mãos posta firmemente no ombro do filho e a outra envolvendo-o com ternura, representa a justiça e o amor de Deus, acolhendo os pecadores. O filho ajoelhado se coloca em posição de humilde arrependimento no retorno ao Pai. As demais pessoas representam as reações sociais, que vão da inveja do irmão mais velho ao espanto dos demais.

Com os peregrinos, rumo às Portas da Misericórdia

Nascidos da intuição de um papa humilde e improvável, os jubileus aconteceram 36 vezes em sete séculos, anunciando o perdão e a misericórdia, apesar dos pecados e das falhas dos seres humanos

Cláudio Pastro, O peregrino. Estátua em metal (ca. 2005). Foto: Andreas Praefcke



Peregrino: confiante na misericórdia, com os pés na terra, a caminho do céu. Nessa escultura, situada em Weingarten, na Suíça, Cláudio Pastro representa o peregrino caminhando com os olhos voltados para o céu. O corpo é vazado por estrelas, indicando desde já sua conexão com a pátria celeste. Seu bastão é um tau, letra grega similar a uma cruz, indicando que caminha sustentado pela companhia de Cristo. A peregrinação não é apenas uma caminhada física para locais sagrados; representa uma busca espiritual mais profunda para encontrar Deus em lugares nos quais Sua presença foi particularmente sentida. O peregrino se move sustentado pela súplica e pela gratuidade da misericórdia. A peregrinação serve como uma metáfora para a própria vida cristã – somos peregrinos nesta vida, viemos de Deus e a Ele aspiramos voltar. A “pátria celeste” é o verdadeiro lar de nossa alma.

Em 1294, houve um acontecimento notável na história da Igreja. Os cardeais não conseguiam escolher um sucessor para o Papa Nicolau IV. Pietro da Morrone, um monge eremita, predisse “graves castigos” se a Igreja não escolhesse logo este sucessor. A solução encontrada foi eleger o próprio monge eremita como papa. Ele escolheu chamar-se Celestino V e uma de suas primeiras providências foi promulgar a chamada Bula do Perdão, *Inter sanctorum solemnium*, a primeira a sistematizar que, mediante uma peregrinação, se conseguisse a indulgência plenária – dada a todos que visitassem a Basílica de Santa Maria de Collemaggio, em Áquila, na festa de São João Batista.

Homem pouco afeito aos jogos de poder, Celestino V renunciou 161 dias depois de assumir. Perseguido pelo seu sucessor, Bonifácio VIII, que temia sua influência moral, morreu recluso e foi canonizado como São Pedro Celestino. Um papado curto e extraordinário, que deixou um legado inestimável à Igreja.

O reinício de um caminho. Bonifácio VIII foi um papa polêmico, envolvido demais em questões políticas. Consta, porém, que em dezembro de 1299 ficou sabendo que havia se espalhado a ideia de que, em 1300, os peregrinos poderiam receber uma indulgência plenária visitando as igrejas de Roma. Reconhecendo o fluxo de peregrinos e o desejo de perdão e reconciliação, teria decidido oficializar essa expectativa por meio de uma bula papal, aos moldes da redigida por seu antecessor, proclamando o primeiro jubileu. Não era apenas uma intuição genial de um papa, mas algo que Deus mesmo havia construído em meio a seu povo.

Em uma sociedade profundamente devota, como a europeia da época, o jubileu, com a obrigatoriedade de visitar as Basílicas de São Pedro e de São Paulo Fora dos Muros para ganhar a indulgência, representava uma afirmação do poder espiritual (e, indiretamente, também temporal) de Roma. Contudo, por mais discutível que possam ser as ações daquele pontífice, é inegável a força do apelo ao Jubileu. O número estimado de fiéis que participaram do jubileu é impressionante. Apesar das difíceis condições de viagem na época, existem estimativas de que cerca de 2 milhões de fiéis acorreram a Roma naquele ano – numa Europa que tinha entre 70 e 80 milhões de habitantes (hoje são cerca de 750 milhões). A cidade de Roma teria apenas cerca de 35 mil habitantes, mas teria havido dias em que recebeu até 200 mil peregrinos.

Uma história de peregrinos. A maior parte dos jubileus aconteceu em uma época em que viajar era uma aventura repleta de imprevistos e perigos. As viagens podiam durar meses, quando se saía dos pontos mais distantes da Europa. As estradas eram malconservadas e lamacentas, infestadas de bandidos. Havia poucas e precárias pousadas, podia-se facilmente passar fome.

As viagens aconteciam no lombo de mulas ou em carroças, ou a cavalo (para os mais ricos), mas para a maioria dos peregrinos essa rota era feita, principalmente, a pé. A incerteza reinava. A peregrinação era um risco e alguns

peregrinos, antes de partir, chegavam a fazer um testamento, sem saber se voltariam. As adversidades estavam associadas aos esforços que deviam ser realizados para obter a remissão dos pecados. A purificação começava com os sacrifícios e o despojamento das próprias seguranças. O perdão se mostrava merecido, no final, por todos os sofrimentos padecidos ao longo do caminho.

Para o peregrino, o jubileu era o acontecimento de uma vida. Uma experiência de mendicância: o ser limitado, contraditório e infiel, conhecedor das próprias faltas, que se dirige a seu Criador confiante num perdão sabidamente imerecido, mas ao qual ele espera fazer jus por meio de sua penitência. Viver o jubileu, ganhar o perdão das indulgências que lhe estavam ligadas, era uma experiência que solicitava a totalidade do sujeito humano, dizia respeito não somente à alma, mas também aos afetos, à materialidade da vida, apela à totalidade das próprias energias, incluindo aquelas primordiais do corpo.

Por tudo isso, nas palavras de Danilo Zardin, curador da Mostra do Meeting, de Rimini, *Jubileu, o perdão que doa a vida*: “A marca mais evidente da peregrinação tornou-se, na arte dos séculos passados, a vara de suporte, o chapéu de abas largas para se proteger do sol e das intempéries, e o desfecho, extremo e comovente, dos pés descalços e sujos em primeiro plano dos peregrinos diante da Virgem numa célebre obra de Caravaggio (N.E.: *Madona de Loreto*, do início do século XVII). O substrato básico da tradição histórica dos jubileus é alimentado pela tensão de um desconforto e de uma precariedade que, em vez de esmagar o ego humano em um mal-estar incurável, o incita a sair de si mesmo, a procurar maneiras de dar uma resposta ao vazio que experimenta, a encontrar uma mão firme para se agarrar e pousar na outra margem de uma vida remida”.

Um acontecimento na história de um povo.

A cronologia dos jubileus atesta a importância do gesto. Bonifácio imaginou-os como eventos extraordinários, que ocorreriam apenas nas viradas de século. Seus sucessores pensaram diferentemente, e novos jubileus foram comemorados em 1350 e 1390. Aquele de 1350 aconteceu durante o período em que o papa, na época o francês Clemente VI, residia em Avignon, e coincidiu com a peste negra, cujo pico teria sido entre 1348 e 1350, e a Guerra dos Cem Anos, entre Inglaterra e França, que se iniciou em 1337. Mesmo assim, calcula-se que as igrejas romanas receberam cerca de 1,5 milhão de fiéis.

O Jubileu de 1390 refletia a tendência de tornar os jubileus eventos mais frequentes, acessíveis a todas as gerações de cristãos. A proposta era a de ocorrer um jubileu a cada 33 anos (idade de Cristo). Contudo, aconteceu num momento cismático (que se estendeu de 1378 a 1415), tendo sido convocado pelos papas de Roma (Urbano VI, que instituiu o jubileu mas morreu antes de sua realização, e Bonifácio IX) e proibido pelo antipapa de Avignon (Clemente VII). Só em 1450 houve um novo jubileu e, em 1475, iniciaram-se as celebrações periódicas a cada 25 anos, como

Cristo, porta que conduz o peregrino à Vida Nova.

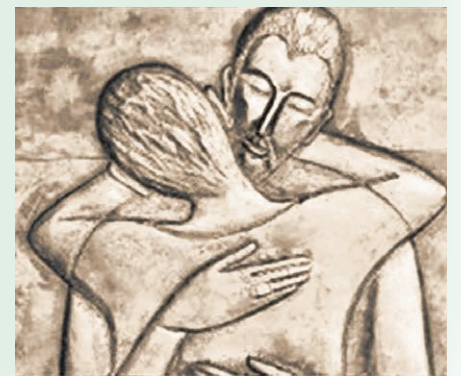
No Jubileu Extraordinário da Misericórdia, a porta da ala norte da Basílica de Nossa Senhora Aparecida, toda feita em bronze e pesando 4,5 toneladas, foi instituída como “Porta da Misericórdia”. O artista sacro Cláudio Pasto, autor da obra, explica a sua simbologia, que ajuda a compreender o sentido da travessia pela porta e entrada no templo santo:

“A porta de uma capela, igreja, catedral ou basílica de certa forma representa, simbolicamente, Jesus Cristo. É um lugar de passagem, Páscoa. Por ela passamos para uma vida nova. Por essa porta passamos da “Babilônia externa”, lugar de confabulações, de tramas humanas para a ‘Nova Jerusalém’, espaço do Eterno. Aqui saboreamos por antecipação a Casa do Pai (Seu Reino), pois nos encontramos com Jesus Cristo. O próprio Senhor Jesus é quem nos diz: ‘Eu sou a porta. Quem entrar por mim será salvo’ (Jo 10,9). Igualmente, o Senhor nos diz: ‘Eis que pus uma porta aberta diante de ti, a qual ninguém pode fechar’ (Ap 3,8). E ainda: ‘Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele comigo’ (Ap 3,20). Cristo, qual Novo Adão, abriu-nos a Porta do Paraíso. A porta principal da Basílica de Nossa Senhora de Aparecida apresenta, em sua face externa, a Anunciação do Senhor à Virgem Maria (Lc 1,26-38). No lado esquerdo, o Arcanjo Gabriel, o enviado por Deus, oferece-lhe o coração (a Misericórdia do Pai à humanidade, Jesus Cristo) anunciando-lhe que será a Mãe do Salvador. No lado direito, aparece Maria, que responde: Fiat (Faça-se). Maria

Porta da Misericórdia - Basílica de Aparecida - José Roberto Resende Kerr



é a mulher vazia de si mesma que é chamada ‘cheia de graça’, que se deixou preencher só pela Palavra de Deus. Assim também nós passamos a ser chamados Filhos de Deus, cristãos, ‘outros cristos’. Sua face interna mostra, no lado direito, representações do Sol, do Bom Pastor e do Salmo 99 (‘Sabei que o Senhor é Deus, Ele nos fez, a Ele pertencemos, somos o seu povo, ovelhas do seu rebanho’). No lado esquerdo, a Lua, o Filho Pródigo (Lc 15,11-32) e o Salmo 122 (‘Alegrai-me quando me disseram: vamos para a casa do Senhor. Nossos pés se detêm às suas portas, Jerusalém’). O Sol é uma imagem do Divino. O Senhor é o princípio de tudo. É sempre Deus que toma a iniciativa. A Lua é o reflexo de Deus em nós. Quando desesperamos, sem saída, O buscamos, desejamos voltar para Ele, nosso princípio e fim. O Filho Pródigo, depois de esbanjar os bens paternos e levar uma vida depravada, arrependido, deixa esta vida (os porcos) e volta à Casa Paterna. O Pai Misericordioso o acolhe e o abraça com amor e alegria; está sempre pronto a recebê-lo e a devolver-lhe a dignidade de Filho. A misericórdia de Deus-Pai é incomensurável. Jesus é o Bom Pastor, o Belo e Eterno Pastor. Logo depois da desobediência, do pecado, é o Senhor quem se volta e busca o homem. ‘Adão, Adão onde estás?’ (Gn 3,9). Jesus é o Bom Pastor, o Belo e Eterno Pastor, que busca a ovelha perdida, que se volta e nos procura lá onde os espinhos nos prendem e sufocam e nos traz para os seus cuidados. ‘Senhor, volta-te para mim e tende piedade de mim’ (Sl 25,16)” (PASTRO, C. A Porta da Misericórdia de Aparecida do Norte. Passos, nº 180, maio/2016)



são até hoje. Depois disso, os jubileus foram ganhando cada vez mais importância na vida do povo, chegando a mover algo entre 200 mil e 500 mil peregrinos a cada ocasião.

No Ano Santo de 1750, sob o papado de Bento XIV, segundo as crônicas da época, mais de um milhão de peregrinos viajaram até Roma, alguns vindos das Antilhas, Egito e Armênia. As instituições de caridade e hospitalares romanas foram forçadas a alugar palácios para acomodar os visitantes. O papa instituiu, naquele ano, a Via Crucis no Coliseu, tradição que perdura até nossos dias.

Os jubileus haviam se tornado um acontecimento que envolvia não apenas o mundo religioso, mas toda a vida da sociedade, mesmo que apenas alguns conseguissem chegar a Roma.

A Porta Santa. Uma das portas laterais da Basílica de Santa Maria de Collemaggio, à qual os peregrinos acorriam para obter a indulgência, seguindo a indicação de São Pedro Celestino, foi constituída como “Porta Santa” e por ela deveriam passar os penitentes. No Jubileu de 1500, o Papa Alexandre VI desejava um even-

to marcante para o seu início e identificou-o na abertura da Porta Santa na Basílica de São Pedro, feita pelo próprio papa, e nas demais basílicas de Roma, realizada por seus legados. A simbologia remetia ao Evangelho segundo João: “Eu sou a porta, quem entrar por mim será salvo” (Jo 10,9). Até hoje, no início dos anos jubileus, as Portas Santas são abertas e assim permanecem até o final do jubileu, quando são fechadas e vedadas por muros até aquele seguinte.

Recentemente, no Jubileu Extraordinário da Misericórdia, de 2015, o Papa Francisco autorizou a abertura

de “portas da misericórdia”, com significado similar ao das portas santas, em diferentes igrejas particulares (*Misericordiae Vultus*, MV 3). É o caso da Porta da Misericórdia da Basílica de Nossa Senhora Aparecida, no Brasil. Passar por uma porta específica não é uma condição para se obter a indulgência, porém a entrada no santuário, após uma peregrinação exaustiva, tem um inegável impacto humano, que todo romeiro pode testemunhar. Ajudar a perceber, não como teoria, mas como experiência totalizante, o que Cristo quer nos dizer ao afirmar “Eu sou a porta”.

O que você precisa saber sobre as indulgências no Jubileu?

Redação

Uma das grandes riquezas vivenciadas em um Ano Santo é a oportunidade de obter indulgências plenárias.

A indulgência é uma prática espiritual que remonta às primeiras comunidades cristãs e envolve dois aspectos do pecado: a culpa, perdoada na Confis-

são sacramental, e a pena, efeito do pecado que persiste após o perdão. A indulgência remove essa pena temporal graças à intercessão da Igreja e à realização de práticas piedosas pelos fiéis, podendo ser parcial ou plenária.

A origem das indulgências remonta aos séculos X e XI, quando a pena pelo pecado podia ser atenuada por obras de caridade, orações ou peregrinações. Um marco importante foi a “Bula do Perdão”, concedida pelo Papa Celestino V em 1294, que ofereceu a primeira indulgência plenária

universal aos fiéis que visitassem a Basílica de Santa Maria de Collemaggio, em Áquila, na Itália, em um período específico.

A relação das indulgências com os anos jubilares começou a partir de 1300, quando o Papa Bonifácio VIII proclamou o primeiro jubileu católico e estabeleceu o intervalo de tempo para a recorrência para cada 100 anos. Em 1342, o Papa Clemente VI reduziu para 50 anos e, em 1470, o Papa Paulo II estabeleceu a celebração a cada 25 anos.

“Todos os fiéis verdadeiramente ar-

repentidos, excluindo qualquer apego ao pecado e movidos por um espírito de caridade, e que, no decurso do Ano Santo, purificados pelo sacramento da Penitência e revigorados pela Sagrada Comunhão, rezem segundo as intenções do Sumo Pontífice, poderão obter do tesouro da Igreja pleníssima indulgência, remissão e perdão dos seus pecados, que se pode aplicar às almas do Purgatório sob a forma de sufrágio”, enfatiza o documento da Penitenciaría Apostólica sobre a concessão de indulgências no jubileu.

Leia a seguir, as principais dúvidas e respostas sobre as indulgências neste Ano Jubilar:

1. O que é uma indulgência?

Uma indulgência é a remissão, diante de Deus, da pena temporal devida pelos pecados já perdoados quanto à culpa. A Igreja concede essa remissão por meio do “tesouro das satisfações” de Cristo e dos Santos, aplicável tanto aos vivos quanto às almas do Purgatório.

2. Quem pode lucrar (obter) indulgências?

Qualquer fiel batizado, não excomungado e em estado de graça (pelo menos ao final das obras prescritas), pode lucrar indulgências. As indulgências podem ser aplicadas para si próprio ou em sufrágio pelas almas do Purgatório, mas nunca para outras pessoas vivas.

3. Quais são os tipos de indulgências?

- ✓ **Parcial:** Remissão de parte da pena temporal.
- ✓ **Plenária:** Remissão total da pena temporal devida pelos pecados.

4. Quais são as condições gerais essenciais para lucrar uma indulgência plenária?

- ✓ **Confissão sacramental:** pode ser feita alguns dias antes ou depois da obra indulgenciada.
- ✓ **Comunhão eucarística:** preferencialmente no mesmo dia.
- ✓ **Oração nas intenções do Papa:** Um Pai-Nosso e uma Ave-Maria (ou outra oração adequada).
- ✓ **Repulsa a todo pecado, até venial:** O fiel deve estar livre de qualquer apego ao pecado.

5. Quais ações específicas concedem indulgências durante o Jubileu



Luciney Martins/O SÃO PAULO

2025 (unidas às condições essenciais)?

- ✓ **Peregrinações:** Visitar uma das basílicas papais em Roma ou outras igrejas locais designadas pelos bispos.

- ✓ **Participação em celebrações:** Missas, Via-Sacra, Rosário, Liturgia das Horas ou celebrações penitenciais.
- ✓ **Meditação e oração:** dedicar tempo à adoração eucarística ou

meditação em lugares sagrados.

- ✓ **Obras de misericórdia e penitência:** participação em missões, exercícios espirituais ou ajuda aos necessitados. Essas práticas são descritas nas normas para o Jubileu de 2025.

6. Quem está impossibilitado de peregrinar pode lucrar indulgências?

Somente os fiéis impossibilitados de participar por motivos graves (idosos, doentes, reclusos, etc.) podem lucrar indulgências ao recitar orações em casa ou no local em que estejam, unindo-se espiritualmente às celebrações.

7. Quantas indulgências plenárias podem ser lucradas por dia?

Apenas uma indulgência plenária pode ser lucrada por dia, exceto em caso de perigo de morte.

8. Como a Igreja garante a validade das indulgências?

As indulgências são regulamentadas pela Penitenciaría Apostólica e devem seguir as condições estabelecidas pela constituição apostólica *Indulgentiarum Doctrina* e pelo Manual das Indulgências. A Penitenciaría supervisiona a aplicação correta dessas normas.

9. Quantas indulgências podem ser lucradas com uma única confissão sacramental?

Uma única confissão sacramental pode ser suficiente para lucrar várias indulgências plenárias, desde que as demais condições específicas sejam cumpridas separadamente para cada indulgência, em dias diferentes.

Luciney Martins/O SÃO PAULO



10. Quanto tempo antes ou depois da obra indulgenciada é permitido confessar-se?

O prazo exato para a Confissão sacramental pode variar conforme orientação local ou normativa. Tradicionalmente, considera-se que a Confissão é válida se realizada dentro de 15 dias antes ou depois da obra indulgenciada, como prática pastoral comum.

11. É necessário confessar-se novamente para lucrar outra indulgência plenária no mesmo período?

Não, uma confissão sacramental válida pode bastar para lucrar várias indulgências plenárias no mesmo período, desde que o fiel não cometa pecado mortal. Se o fiel pecar mortalmente, será necessária uma nova confissão antes de lucrar outras indulgências.

12. A confissão sacramental pode ser substituída por outra prática em casos de impedimento?

Sim. Fiéis impossibilitados de confessar-se por motivos graves (como doença ou reclusão) podem lucrar a indulgência, desde que estejam de coração contrito, rezem as orações prescritas e se proponham a confessar-se assim que possível.

13. Quantas indulgências podem ser lucradas com uma única comunhão eucarística?

Uma única comunhão eucarística é suficiente para lucrar apenas uma indulgência plenária por dia. Caso o fiel deseje lucrar outra indulgência em um dia subsequente, será necessária uma nova comunhão.

14. Quanto tempo antes ou depois da obra indulgenciada é permitido comungar?

A comunhão eucarística deve ser feita preferencialmente no mesmo dia da obra indulgenciada. Contudo, pode ser realizada dentro de alguns dias antes ou depois, geralmente no prazo de até 15 dias, conforme as normas pastorais e orientações da Igreja.

15. A comunhão feita em missa dominical cumpre as condições para indulgências?

Sim, desde que o fiel tenha a intenção de lucrar a indulgência e cumpra as demais condições requeridas (Confissão sacramental, oração pelas intenções do Papa e repulsa a todo pecado). A participação na missa dominical é especialmente recomendada.

Roteiro de peregrinação nas igrejas jubilares

A Arquidiocese de São Paulo elaborou um roteiro completo para peregrinações à Catedral da Sé ou às demais 11 igrejas estabelecidas na Arquidiocese para a concessão de indulgências neste Ano Santo.

O subsídio destaca que a peregrinação, elemento central dos eventos jubilares, é apresentada como uma prática de profundo significado espiritual. O documento enfatiza que o ato de “pôr-se a caminho” simboliza a busca pelo sentido da vida, permitindo ao fiel redescobrir valores como silêncio, esforço e simplicidade. Além disso, reforça a ideia de que a graça divina precede e acompanha os passos de quem caminha com fé, caridade e esperança.

O roteiro é estruturado para ser utilizado por grupos ou indivíduos, com ações que reforçam a vivência comunitária, a devoção pessoal e a participação nos sacramentos. Confira os detalhes:

Estrutura da Peregrinação

O roteiro está dividido em etapas, cada uma com orações, reflexões e cantos que conduzem os peregrinos a uma experiência espiritual rica e transformadora.

Abertura e Concentração

- ✓ A jornada começa com a concentração do grupo em um local apropriado, como uma igreja, capela ou praça próxima ao santuário.
- ✓ O grupo é convidado a iniciar o momento em comunhão, com orações e cânticos, como o “Hino do Jubileu – Peregrinos de Esperança”.
- ✓ A abertura destaca a alegria de entrar na casa de Deus e a disposição para viver a graça do Jubileu.

MOMENTOS DE REFLEXÃO E DEVOÇÃO Renovação das Promessas Batismais

Um dos momentos mais significativos do roteiro é a renovação das promessas do Batismo, na qual os peregrinos reafirmam seu compromisso de renunciar ao pecado e viver como discípulos de Cristo. O ato inclui a aspersão com água benta, simbolizando a purificação e a renovação da fé.

Contemplação da Cruz Jubilar

A Cruz Jubilar é apresentada como um símbolo de esperança e renovação. Os fiéis são convidados a meditar em silêncio diante da cruz, acompanhados de cânticos e reflexões sobre o amor de Cristo e o poder de sua ressurreição.

Devoção Mariana

Outro ponto importante é a devoção à Virgem Maria, considerada mãe espiritual de todos os cristãos. Os peregrinos são orientados a rezar a “Ave Maria” e a oração “Lembraí-vos”, pedindo a intercessão de Nossa Senhora em suas vidas.

Celebração da Eucaristia

A celebração da missa é o ponto culminante da peregrinação. Nesse momento, os fiéis são convidados a se unir em comunhão, reforçando a importância da vivência comunitária e da entrega espiritual. O roteiro destaca que a participação ativa na Eucaristia é essencial para colher os frutos espirituais do jubileu.

Preparação para a Confissão

A peregrinação também inclui uma preparação detalhada para o sacramento da Reconciliação. Um exame de consciência ajuda os participantes a refletirem sobre sua relação com Deus, com o próximo e consigo mesmos. As perguntas abordam temas como:

- ✓ **Relação com Deus:** “Participo regularmente da missa? Começo e termino o dia em oração? Busco crescer espiritualmente?”
- ✓ **Relação com o próximo:** “Sou justo e solidário? Sei perdoar? Pratico obras de misericórdia?”
- ✓ **Relação consigo mesmo:** “Sou guiado por virtudes ou por vícios? Administro bem meu tempo e recursos?”

Ao final, o fiel é convidado a rezar o Ato de Contrição, reafirmando sua determinação de viver segundo os ensinamentos cristãos.

Valores cristãos

O roteiro relembra ensinamentos fundamentais da fé católica, como:

- ✓ **Virtudes teológicas:** Fé, Esperança e Caridade.
- ✓ **Virtudes cardeais:** Prudência, Justiça, Fortaleza e Temperança.
- ✓ **Bem-aventuranças:** Promessas de felicidade espiritual para os que vivem segundo os valores do Reino de Deus.
- ✓ **Obras de misericórdia:** Ajudar os necessitados, confortar os aflitos, ensinar os ignorantes e rezar pelos vivos e pelos mortos.

Acesse o roteiro completo em: <https://tinyurl.com/2aakbrew>

IGREJAS DE PEREGRINAÇÃO JUBILAR NA ARQUIDIOCESE



- ✓ **Catedral da Sé;**
- ✓ **Santuário Nossa Senhora de Fátima**, no Sumaré;
- ✓ **Santuário São Judas Tadeu**, no Jabaquara;
- ✓ **Santuário Nossa Senhora Aparecida**, no Ipiranga;
- ✓ **Basilica Menor de Sant’Ana**, em Santana.
- ✓ **Santuário Nossa Senhora da Salete**, em Santana;
- ✓ **Igreja Nossa Senhora da Lapa**, na Lapa;
- ✓ **Igreja Nossa Senhora de Fátima**, na Vila Leopoldina;
- ✓ **Igreja São José do Belém**, no Belenzinho;
- ✓ **Igreja Nossa Senhora de Fátima e São Roque**, em Sapopemba;
- ✓ **Igreja Nossa Senhora da Expectação**, na Freguesia do Ó;
- ✓ **Santuário Nossa Senhora Mãe e Rainha**, no Jaraguá.

Cada vez mais conscientes do essencial

Após grandes dificuldades no século XIX, a Igreja retomou os jubileus no século XX, cada vez mais consciente daquilo que é essencial: a presença do amor misericordioso de Deus entre nós.

A Revolução Francesa e a conquista, pelas tropas de Napoleão, da maior parte da Europa, inclusive Roma, em 1798, trouxeram uma onda anticlerical que varreu o continente. Na Itália, de 1848 a 1870 ocorreu o processo de unificação, que levou ao fim do Estado Pontifício. Roma deixou de ser território eclesiástico e Pio IX se declarou prisioneiro no Vaticano. O conflito com o Estado italiano foi resolvido em 1929, com o Tratado de Latrão, que formalizou a existência do Estado do Vaticano.

Para a Igreja foi um período de provações, mas com importantes avanços. Os católicos se deram conta de que a Igreja não podia ser uma instância de poder político, envolvida em disputas de hegemonia com os Estados nacionais, mas sim um “lugar de comunhão, de testemunho e de missão, fermento de redenção e de transformação das relações sociais” (cf. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, CDSI 52). Enquanto eclipsava a figura do papa como soberano territorial, as consequências sociopolíticas dos ensinamentos de Cristo ganhavam corpo na doutrina social da Igreja, a partir da encíclica *Rerum Novarum* (1891).

Contudo, as perturbações políticas impediram a continuidade dos jubileus a cada 25 anos. No século XIX, foram realizados apenas dois (1825 e 1875, este último em condições precárias). Só em 1900 a situação se normalizou e o jubileu contou inclusive com o apoio das autoridades do Estado laico italiano.

Um novo tempo. Desde 1900, tivemos seis jubileus “ordinários” (que acontecem a cada 25 anos) e três “extraordinários”, motivados por acontecimentos especiais. Em 1933, Pio XI proclamou um jubileu extraordinário pelos 1900 anos da morte e ressurreição de Jesus e, em 1983, São João Paulo II proclamou outro pelos seus 1950 anos. Por fim, em 2015, o Papa Francisco proclamou um jubileu para o 50º aniversário do encerramento do Concílio Vaticano II, dedicando-o ao tema da misericórdia.

Principalmente após a Segunda Guerra Mundial, os voos comerciais transoceânicos se difundiram, fazendo com que as peregrinações para Roma pudessem ser uma proposta realmente mundial – e não apenas limitada, na prática, ao continente europeu. O jubileu de 1975 foi o primeiro a ser transmitido mundialmente. A partir do jubileu de 1983, a indulgência passou a ser oferecida também mediante a peregrinação a uma igreja local, designada pelo bispo. Essa mudança significou a universalização da peregrinação jubilar. Agora, os compreensíveis obstáculos econômicos, que permaneciam mesmo com as facilidades dos tempos atuais, estavam superados.

O Jubileu de 1975, quando o Papa era São Paulo VI, contou com

a presença de monges budistas e do Patriarca de Alexandria. O Grande Jubileu de 2000, celebrado por São João Paulo II, trouxe momentos marcantes, como o pedido de perdão pelos pecados cometidos pelos católicos na história, o Martirologio dos cristãos mortos no século XX e

a Jornada Mundial da Juventude em Roma, com a participação de mais de dois milhões de jovens.

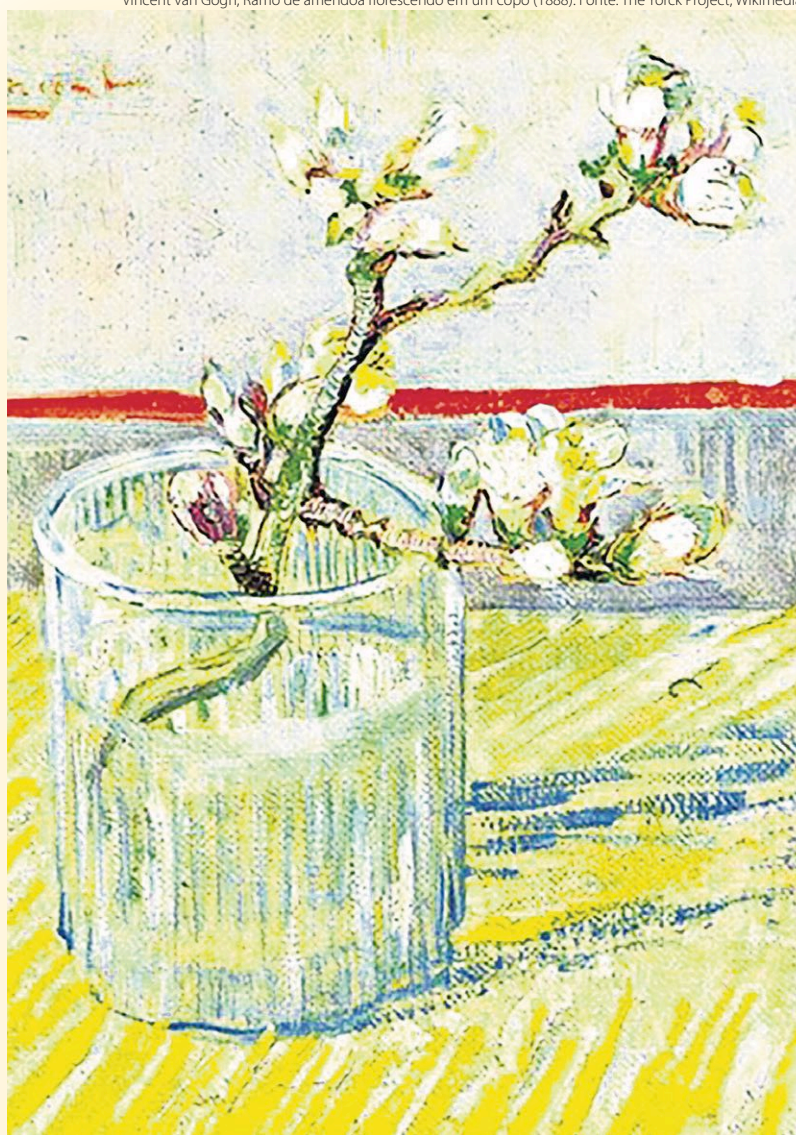
A centralidade de Cristo. Ao longo do século XX, um tema recorrente nos jubileus foi a centralidade de Cristo. Com seu estilo caracterís-

tico, São João Paulo II, na Bula do Jubileu de 1983, exorta: “ABRI AS PORTAS AO REDENTOR! É este o apelo que, na perspectiva do Ano Jubilar da Redenção, dirijo a toda a Igreja [...] Toda a vida da Igreja está imersa na Redenção e respira a Redenção” (*Aperite portas Redemptori*, APR 1-3). Anos depois, na passagem do Terceiro Milênio, voltaria a essa centralidade: “Tendo o mistério da encarnação do Filho de Deus diante dos olhos, a Igreja está para cruzar o limiar do terceiro milênio. Neste momento, mais do que nunca, sentimos o dever de fazer nosso o cântico de louvor e agradecimento do Apóstolo: Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo que, do alto dos Céus, nos abençoou com toda a espécie de bênçãos espirituais em Cristo (Ef 1, 3)” (*Incarnationis mysterium*, IM 1).

Da misericórdia à esperança. O tema da misericórdia era muito caro a São João Paulo II (cf. *Dives in misericórdia*), sendo o fundamento de todos os jubileus, mas coube a Francisco proclamar um voltado especificamente a ela: “Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai. O mistério da fé cristã parece encontrar nestas palavras a sua síntese [...] O Pai, ‘rico em misericórdia’ (Ef 2, 4) [...] mandou o seu Filho, nascido da Virgem Maria, para nos revelar, de modo definitivo, o seu amor” (*Misericordiae Vultus*, MV 1). E, da misericórdia, brota a esperança: “Com efeito, a esperança nasce do amor e funda-se no amor que brota do Coração de Jesus trespassado na cruz [...] Esta esperança não cede nas dificuldades: funda-se na fé e é alimentada pela caridade, permitindo assim avançar na vida” (*Spes non confundit*, SNC 3)

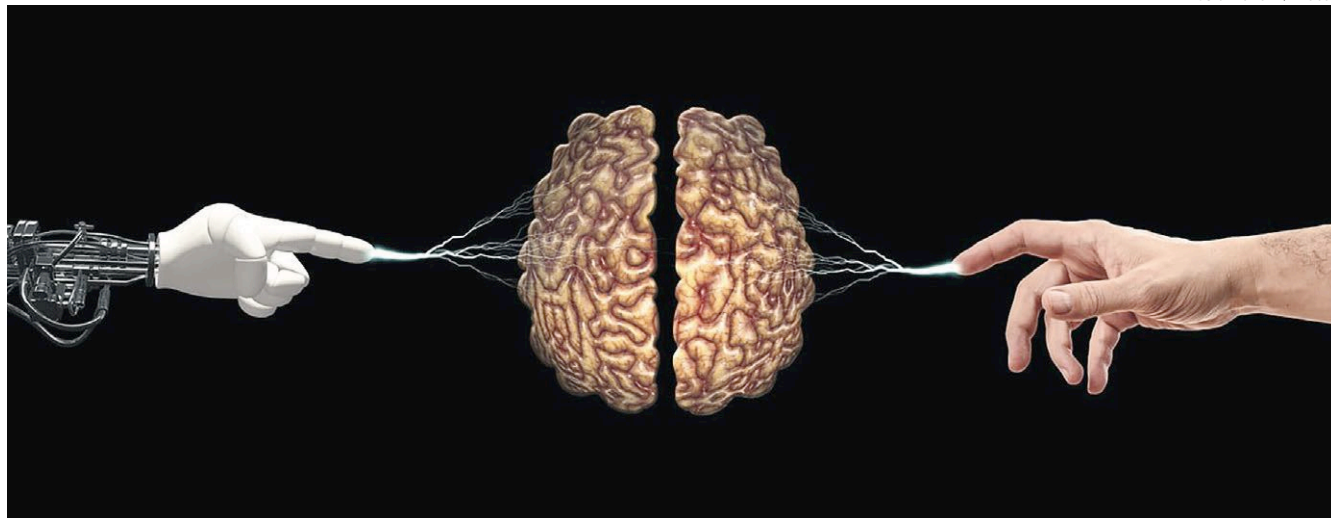
Para um mundo ainda mais carente de Deus. Um cético veria em tudo isso apenas um esforço da Igreja para recuperar, ao menos em parte, o prestígio perdido ao longo do século XIX e no confronto com a Modernidade. Um olhar orientado pela fé, contudo, vai além. Quanto mais a sociedade se perde na pretensão da autossuficiência, mais as pessoas perdem a capacidade de se descobrir amadas e capazes de amar, vítimas de um realismo desesperançado que vê as conquistas da ciência se tornarem instrumentos de destruição, crise ambiental e manipulação das consciências. Nesse cenário, é ainda mais importante o anúncio de um amor que é misericórdia, que não trará imediatamente uma sociedade na qual seja restabelecida a justiça, os pobres sejam saciados e a natureza descanse (como previa o jubileu judaico), mas permitirá que cada um de nós realize mais plenamente sua humanidade, tornando-nos mais capazes de lutar por esse mundo ideal.

Vincent van Gogh, Ramo de amêndoa florescendo em um copo (1888). Fonte: The Yorck Project, Wikimedia.



É a frágil flor da esperança que sustenta nosso peregrinar. “Charles Péguy escreveu que a esperança é a irmã mais nova, despercebida, que é segura pela mão das irmãs mais velhas, que são a fé e a caridade, mas, diz ele, dirigindo-se a nós: ‘Tolos, crentes insensatos que não se dão conta de que não são a fé e a caridade que arrastam a esperança. O oposto é verdadeiro, é a esperança que impulsiona a fé e a caridade.’ Sem esperança não podemos compreender o essencial da vida [...] Se quisermos ser capazes de proclamar nossa fé hoje, parece-me que devemos falar em esperança. E o desafio é grande. Precisamente porque não sabemos muito sobre ela. O que é a esperança? É verdade que precisamos de esperança? É verdade que ‘a esperança não decepciona’? E por que ela não decepciona? [...] Tais perguntas só podem ser respondidas num caminho. É por isso que somos peregrinos. Trata-se de uma jornada pessoal e de toda a Igreja, uma jornada da humanidade num período como este [...] O grande trabalho a que agora somos chamados é o anúncio da esperança. Mas, essa é uma grande intuição do Papa na bula, o anúncio da esperança está intimamente ligado aos sinais de esperança que somos chamados a realizar. [...] Ao falar de esperança, ao anunciar esperança, devemos também ser capazes de dar, oferecer, participar, colocar em prática sinais concretos de esperança” (Extraído da apresentação oral de Dom Rino Fisichella, Pró-Prefeito do Dicastério para a Evangelização, no Painel O Jubileu 2025, no Meeting de Rimini 2024).

Documento da Santa Sé alerta para riscos éticos da inteligência artificial



Gerd Altmann/Pixabay

REDAÇÃO
osaopaulo@uol.com.br

A nota *Antiqua et Nova*, divulgada pela Santa Sé na terça-feira, 28, apresenta uma profunda análise sobre a relação entre inteligência artificial (IA) e inteligência humana, enfatizando a necessidade de um desenvolvimento ético e orientado para o bem comum. Com 117 parágrafos, o documento, elaborado pelo Dicastério para a Doutrina da Fé e o Dicastério para a Cultura e a Educação, destaca oportunidades, mas alerta para riscos éticos e antropológicos dessa tecnologia.

UMA FERRAMENTA E NÃO UMA INTELIGÊNCIA

A nota reforça que a IA deve ser vista como ferramenta e não como uma forma de inteligência similar à humana. “Enganoso”, segundo o texto, seria considerar a IA como dotada de inteligência real, pois sua operação é essencialmente funcional. “A inteligência humana, moldada por Deus, se manifesta nas relações e é formada por uma miríade de experiências vividas na corporeidade”, enquanto a IA carece de tais capacidades [18,31].

O Papa Francisco já havia alertado para o risco de atribuir características humanas à IA, afirmando que isso “pode levar à perda da percepção do que é único e essencialmente humano”. O documento reitera que, embora a IA possa gerar textos e imagens indistinguíveis dos criados por humanos, ela permanece um produto humano, não uma inteligência independente [35].

IMPACTOS ÉTICOS EM DIVERSAS ÁREAS

A *Antiqua et Nova* analisa o impacto da IA em áreas fundamentais:

Saúde: apesar do potencial em diagnósticos, o uso excessivo da IA pode enfraquecer o vínculo médico-

-paciente. O documento adverte sobre o perigo de criar uma “medicina para ricos”, marginalizando os mais vulneráveis e promovendo desigualdades [75].

Educação: embora possa ampliar o acesso ao ensino, o uso inadequado da IA pode limitar o desenvolvimento do pensamento crítico. Muitos programas de IA se restringem a fornecer respostas prontas, prejudicando o aprendizado profundo e facilitando a disseminação de *fake news* [82,84].

Economia e Trabalho: a IA pode aumentar a produtividade, mas também pode desumanizar o trabalho, submetendo trabalhadores à vigilância automatizada e funções repetitivas. A nota enfatiza que a substituição progressiva do trabalho humano pode levar à perda de criatividade e inovação [67].

Relações Humanas: a IA, embora útil para conexões, pode fomentar o isolamento social. Especialmente preocupante é sua antropomorfização, que “induz crianças a enxergar relações humanas de maneira utilitarista” [58,60].

O PERIGO DE ARMAS AUTÔNOMAS

Um dos alertas mais contundentes do documento se refere ao uso de IA em armamentos letais autônomos. Tais sistemas, capazes de “identificar e atacar alvos sem intervenção humana”, representam uma ameaça ética e moral severa. O Papa Francisco clamou pela proibição dessas tecnologias, afirmando que “nenhuma máquina deveria jamais escolher tirar a vida de um ser humano” [100].

A nota denuncia que essas armas podem desestabilizar a paz mundial, tornando a guerra ainda mais destrutiva e incontrolável. “Essas tecnologias ampliam o poder destrutivo em níveis alarmantes, atingindo civis inocentes e aprofundando crises humanitárias” [101].

CONCENTRAÇÃO DE PODER E MANIPULAÇÃO

Outro ponto levantado é a concentração de poder em poucas empresas no setor de IA. Isso levanta preocupações éticas significativas, especialmente quanto ao potencial de manipulação para fins econômicos e políticos. A nota destaca que tal concentração pode aprofundar desigualdades e ameaçar os direitos fundamentais [53].

UMA VISÃO ÉTICA PARA O FUTURO

A Santa Sé enfatiza a importância de uma abordagem ética que coloque a dignidade humana e o bem comum no centro do desenvolvimento tecnológico. A IA deve ser uma aliada, não um substituto, e sua aplicação precisa respeitar valores fundamentais.

“A dignidade humana não depende de habilidades ou resultados, mas é intrínseca e inviolável, mesmo em uma criança ainda não nascida ou em um idoso sofrendo”, ressalta o texto [34].

O documento conclama educadores, líderes religiosos e desenvolvedores de tecnologia a assumirem responsabilidade ética e a colaborar para que o avanço tecnológico seja direcionado para “promover a justiça, a fraternidade e um progresso verdadeiramente humano”.

REFLEXÃO FINAL

Em um mundo cada vez mais dominado pela tecnologia, *Antiqua et Nova* é um convite à reflexão ética e ao discernimento. A inteligência artificial, apesar de suas promessas, não pode substituir a riqueza e profundidade da inteligência humana, moldada pela corporeidade, espiritualidade e relacionalidade. Como o documento afirma, “somente com uma visão integral do ser humano é possível garantir que o progresso tecnológico seja um meio para o bem e não uma ameaça à dignidade da vida”.

Liturgia e Vida

APRESENTAÇÃO DO SENHOR
02 DE FEVEREIRO DE 2025

‘Luz para iluminar as nações’ (Lc 2,32)

PADRE JOÃO BECHARA VENTURA

Em 2 de fevereiro, o Menino Jesus é apresentado no Templo de Jerusalém. O lugar que os judeus acreditavam ser a morada de Deus sobre a terra recebeu a divina presença do modo mais excelente possível. Finalmente, o Senhor “se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14)! Cumpriu-se a profecia de Malaquias: “Chegará ao seu templo o Dominador” (Ml 3,1). Para significar e honrar essa presença luminosa – que se estende aos sacrários das igrejas e às nossas almas – acendemos velas e entramos com Cristo no recinto sacro.

A Apresentação de Jesus recém-nascido acenava para a superação do culto de sacrifícios que era então oferecido no Templo de Jerusalém. Resgatado pela oferta de dois pombinhos – como a Lei de Moisés prescrevia para os meninos pobres – Jesus mais tarde se autoproclamará a vítima verdadeira, o único Cordeiro capaz de carregar os pecados do mundo. Por isso, Ele afirmaria sobre o Templo: “Destruí este santuário e em três dias eu o levantarei” (Jo 2,19). O sacrifício de seu Corpo – oferecido de uma vez por todas na cruz e renovado na Eucaristia – substituiria definitivamente o culto celebrado no monte Sião, ao qual a Sagrada Família se submeteu.

Deste modo, a festa da Apresentação é uma espécie de transição entre o término do ciclo litúrgico do Natal e o início da preparação remota para a Páscoa. Antigamente em alguns lugares – como na França, por exemplo – até esta data usavam-se ainda os paramentos brancos na liturgia. A Apresentação une a alegria do nascimento de Jesus ao anúncio de sua missão expiatória; no Rosário, ela é o mais doloroso entre os mistérios da alegria! Ela estabelece uma ponte entre a Encarnação e a Redenção. Isso é evidente quando São José e Nossa Senhora entregam o Filho ao velho Simeão que, tomando-o nos braços, declara no Espírito Santo: “Este Menino vai ser causa tanto de queda quanto de reerguimento para muitos em Israel. Ele será um sinal de contradição” (Lc 2,34).

Além da incomparável tortura física e moral imposta a Cristo, a Redenção comportaria também uma singular participação de sua Mãe. Voltando-se a Maria, Simeão prossegue: “Quanto a ti, uma espada te traspassará a alma” (Lc 2,35). A festa da Apresentação possui, portanto, um forte caráter pascal e mariano. Assim como durante a Crucifixão Cristo se assemelhou a um pecador (cf. 2Cor 5,21), durante a Apresentação a Virgem imaculada aceitou humildemente submeter-se ao antigo rito da “purificação” (cf. Lv 12,7), como se ela tivesse alguma mancha. No Ocidente, este dia foi por muito tempo chamado de festa da Purificação e, popularmente, Nossa Senhora das Candeias ou da Luz.

Com lâmpadas acesas, entremos com o Senhor no santuário! Reconheçamos a sua presença na Eucaristia e em nós: “Luz para iluminar as nações e glória do teu povo Israel” (Lc 2,32)! Tendo-nos alegrado com o nascimento e a Apresentação de Jesus, possamos nos unir a Ele em Sua Paixão.

BELÉM

Morre o Padre Gilberto Orácio de Aguiar

REDAÇÃO
osaopaulo@uol.com.br

A Arquidiocese de São Paulo comunicou o falecimento do Padre Gilberto Orácio de Aguiar, na manhã da segunda-feira, 27.

O Sacerdote, que era Pároco na Paróquia Imaculado Coração de Maria, no Jardim Rodolfo Pirani, da Região Belém, estava internado desde o fim de dezembro, em decorrência de um câncer.

Na manhã da terça-feira, 28, centenas de fiéis se reuniram na Paróquia Imaculado Coração de Maria para a celebração exequial. A missa foi presidida por Dom Cícero Alves de França, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Belém, e concelebrada por cerca de 40 padres.

Na homilia, Dom Cícero recordou a luta contra o câncer que o Presbítero falecido travou nos últimos meses. “Nesta batalha que o Padre Gilberto enfrentou, e todas as vezes que conversamos, ele não demonstrava medo, embora estivesse com medo, mas sempre falava que ia melhorar e pedia que rezassem por ele”, afirmou.

O Prelado exortou os fiéis a agradecerem a Deus por todos os dons e, de maneira muito particular, pelo dom do sacerdócio que Deus concedeu ao Padre Gilberto.

Ao dirigir-se à família do Sacerdote, Dom Cícero exortou-os a nunca se esquecerem do Padre Gilberto. “Guardem em sua memória afetiva todos os momentos em que vocês puderam viver

juntos. Guardem os bons exemplos e as boas palavras. Sintam saudade dele. Não o sepultem em seus corações.”

TRAJETÓRIA

Padre Gilberto nasceu em 2 de outubro de 1966, em Paulo Lopes, interior de Santa Catarina, e foi ordenado sacerdote em 21 de dezembro de 1996, na Paróquia Sagrado Coração de Jesus, na mesma cidade.

Na Arquidiocese, esteve à frente de diversas paróquias na Região Belém, entre as quais São João Batista, no Brás; Imaculada Conceição, no Sapopemba; e Imaculado Coração de Maria, na qual era Pároco desde então.

“Mestre Orácio”, como era carinhosamente conhecido, graduou-se em



Pascom regional

Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, em 1996, obteve o mestrado em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Goiás, em 2006; e doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 2012.

Fiéis da Paróquia Nossa Senhora do Sagrado Coração acolhem novo pároco



Rebeca Carneiro

FERNANDO ARTHUR
COLABORAÇÃO ESPECIAL PARA A REGIÃO

Centenas de fiéis da Paróquia Nossa Senhora do Sagrado Coração, Decanato São Lucas, se reuniram na noite do domingo, 26, para a posse do Padre Girley de Oliveira Reis, MSC, como o novo Pároco.

A missa foi presidida por Dom Cícero Alves de França e concelebrada por sacerdotes da Congregação dos Missionários do Sagrado Coração (MSC), entre

eles o Padre Luís Carlos Araújo Moraes, MSC, Superior Provincial; e presbíteros da Arquidiocese de São Paulo, entre eles o Padre Lauro Wisnieski, Decano do Decanato São Lucas.

Após a homilia, como parte do rito de posse de pároco, o Padre Girley recebeu do Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Belém as chaves da igreja, do sacrário e os símbolos dos sacramentos do Batismo e da Penitência. Além disso, renovou suas promessas sacerdotais, professou sua fé e realizou o jura-

mento de fidelidade diante do Prelado.

Ao final da celebração, o Padre Girley recordou sua história vocacional, sobretudo a realização de seus votos perpétuos e sua ordenação diaconal, que aconteceram na Paróquia na qual assume agora. Lembrou-se também dos padres que o antecederam à frente daquela comunidade e o legado que deixaram. Por fim, agradeceu às pastorais e movimentos e afirmou que quer dar continuidade ao trabalho pastoral e missionário ali realizado.



Pascom paroquial

No sábado, 25, a Paróquia São José do Maranhão, Decanato São Lucas, celebrou os 85 anos de sua criação com uma missa presidida pelo Padre Arlindo Teles Alves, Pároco. Em vídeo, Dom Cícero Alves de França saudou os fiéis paroquianos. “Celebrar o aniversário de criação é sempre celebrar um dom que Deus nos dá”, afirmou.

(por Pascom paroquial)



Pascom paroquial

Na sexta-feira, 24, a Comunidade Santo Arnaldo Jansen, pertencente à Paróquia São Marcos Evangelista, Decanato Sant’Ana e São Joaquim, celebrou a memória de seu padroeiro, fundador da Congregação do Verbo Divino (SVD). A missa foi presidida pelo Padre Cireneu Kuhn, SVD, Superior Provincial da Congregação; e concelebrada pelos Padres Irénée Komlan Dossou (Padre Irineu), SVD, Pároco, e Joseph Dillon, SVD, Colaborador. Após a celebração, os fiéis saíram com uma procissão luminosa até a matriz paroquial.

(por Pascom paroquial)



Pascom paroquial

No sábado, 25, a Paróquia São Paulo Apóstolo, Decanato Sant’Ana e São Joaquim, celebrou seu padroeiro com uma missa presidida pelo Padre Georges Kossi Tete, SVD, Pároco. Após a celebração, os fiéis saíram em carreta com a imagem do padroeiro pelas ruas do bairro. (por Pascom paroquial)

SÉ

Arquidiocese se despede da Irmã Josefa Ferreira de Medeiros

SECRETARIADO DE
COMUNICAÇÃO REGIONAL

Na sexta-feira, 24, morreu a Irmã Josefa Ferreira de Medeiros, aos 63 anos. Mineira de Rubelita, com 33 anos de vida consagrada, ela foi missionária nas cidades paranaenses de Umuarama, Rolândia, Curitiba, Campo Largo, além de Nova Mamoré (RO).

Religiosa na Congregação das Irmãs Franciscanas do Coração de Jesus, foi tam-

bém Coordenadora da Pastoral do Menor na Região Sé nos últimos 11 anos.

Dedicava-se à implantação da Pastoral em nível paroquial, além do trabalho intenso por meio do Programa de Assistência Religiosa em duas unidades femininas da Fundação Casa. Atuava como representante da Pastoral na Comissão Arquidiocesana de Pastoral e na CNBB Regional Sul 1.

No sábado, 25, na Paróquia Nossa Senhora Achirópita, Decanato São João

Evangelista, membros da Pastoral do Menor da Arquidiocese de São Paulo, juntamente com amigos, participaram da missa em sufrágio de sua alma, presidida por Dom Rogério Augusto das Neves, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Sé, e concelebrada pelos Padres Roberto Silva, PODP, Pároco; José Enes de Jesus, Assistente Eclesiástico para as Pastorais Sociais; e Fernando da Silva Moreira, Capelão do Hospital Sírio-Libanês.



Luciney Martins/O SÃO PAULO

IPIRANGA

Dom Ângelo preside missa no Mosteiro Santa Teresa, na tomada de hábito de religiosa carmelita

KAREN EUFROSINO
COLABORAÇÃO ESPECIAL PARA A REGIÃO

No sábado, 25, Dom Ângelo Ademir Mezzari, RCJ, Arcebispo nomeado para a Arquidiocese de Vitória (ES), presidiu missa no Mosteiro Santa Teresa, na Avenida Jabaquara, Decanato São Mateus, durante a qual houve a tomada de hábito

que marca a etapa do noviciado de Caroline Dupim, agora Irmã Maria de Jesus Misericordioso. A celebração contou com a presença significativa dos fiéis da Paróquia Santa Ângela e São Serapião, comunidade paroquial de origem da jovem.

Concelebraram o Frei Thiago Borges Isidoro, OCarm., Capelão do mosteiro carmelita, e os Padres Jorge Bernardes,

Pároco da Paróquia Santa Rita de Cássia; Uilson dos Santos, Pároco da Paróquia Nossa Senhora da Esperança; Christopher Velasco, Pároco da Paróquia Santa Ângela e São Serapião; Anderson Bispo, Pároco da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, na Vila Guarani; Willian Maia e Vinicius Afonso, ambos da Diocese de Santo André.



Maurício Lavado

Paróquia São José, na Vila Zelina, comemora 85 anos de criação

No sábado, 25, os fiéis da Paróquia São José, na Vila Zelina, Decanato São Marcos, celebraram os 85 anos de sua fundação. A missa foi presidida por Dom Ângelo Mezzari, RCJ, Arcebispo nomeado para a Arquidiocese de Vitória (ES), e concelebrada pelos Padres Fausto Marinho de Carvalho Filho, Pároco, e Bartolomeu dos Santos, Colaborador.

Em meio a um loteamento que surgia

em 1934, o terreno no qual se situa a Paróquia foi doado à Igreja. O Padre Benediktas Sugintas, nascido na Lituânia, foi quem liderou a construção da paróquia na Vila Zelina, com a ajuda financeira e braçal dos imigrantes lituanos que moravam no entorno do bairro. Em 25 de janeiro de 1940, a Paróquia foi dedicada, tornando-se um marco na região. (KE)



Felipe Santos



Pascom paroquial

Na segunda-feira, 27, a Paróquia Santa Ângela e São Serapião, Decanato Santo André, comemorou sua padroeira, com missa presidida pelo Padre Christopher Velasco, Pároco. Houve uma novena preparatória, sendo cada dia presidido por um padre convidado. No domingo, 26, encerrando a novena, os catequistas Thiago Nascimento e Nathan Leons foram enviados para o Seminário Propedêutico Nossa Senhora da Assunção, da Arquidiocese de São Paulo, após um período de discernimento. (por Pascom paroquial)



Pascom paroquial

Dom Ângelo Ademir Mezzari, RCJ, Arcebispo nomeado para a Arquidiocese de Vitória (ES), presidiu missa na Paróquia Santa Cristina, Decanato Santo André, no domingo, 26. Concelebrou o Padre Rodrigo Felipe da Silva, Pároco. (por Karen Eufrosino)



Marcela Wagma

No domingo, 26, na Paróquia São Bernardo de Clara-val, Decanato Santo André, Dom Ângelo Ademir Mezzari, RCJ, Arcebispo nomeado para a Arquidiocese de Vitória (ES), presidiu a missa durante a qual apresentou o Padre José Cícero Teotônio da Silva (à direita do Bispo na foto), como Vigário Paroquial. Concelebraram os Padres Hernane Santos Módena, Pároco, e Jefferson Mendes de Oliveira, Pároco da Paróquia Santo Afonso Maria de Ligório, do mesmo Decanato. (por Karen Eufrosino)

BRASILÂNDIA



Pascom paroquial

No sábado, 25, na Paróquia Cristo Libertador, Decanato Santa Isabel e São Zacarias, durante missa presidida pelo Padre Maycon Wesley da Silva, Pároco, houve o envio da jovem Fernanda Velano, que ingressará na Congregação das Irmãs Mestras Pias Filippini. Além de toda a comunidade reunida, a vocacionada estava acompanhada de familiares e recebeu uma homenagem do grupo de jovens Magnificat. (por Pascom paroquial)



Regina Bezerra

No sábado, 25, na Paróquia Santa Rosa de Lima, Decanato São Barnabé, Dom Carlos Silva, OFM Cap., Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Brasilândia, presidiu a missa solene em comemoração dos 85 anos de criação da Paróquia. Concelebraram os Padres Luciano Andreol, SMM, Pároco, e Sony Fleurima, SMM, Vigário Paroquial. (por Regina Bezerra)



Monique de Carvalho Leite

No domingo, 26, na Paróquia Nossa Senhora da Expectação, Decanato São Pedro, Dom Carlos Silva, OFM Cap., Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Brasilândia, presidiu a missa durante a qual deu posse ao Padre Jorge da Silva como Pároco (à esquerda na foto), e apresentou o Padre Douglas da Silva Gonzaga como Vigário Paroquial. (por Marta de Oliveira Gonçalves)

No sábado, 25, aconteceu o 1º Retiro Pastoral Paroquial da Paróquia Nossa Senhora das Graças, na Vila Carolina, Decanato São Pedro, conduzido pelo Cônego Antônio Manzatto, tendo como tema "Ano Jubilar: Peregrinos de Esperança". (por Gisele Lima)

SANTANA

No sábado, 25, na Paróquia Nossa Senhora do Carmo, Decanato São Matias, Dom Jorge Pirozan, Bispo de Rio Grande (RS), presidiu a missa na qual conferiu a ordenação presbiteral ao Diácono Rafael Cosme Tessitori, MS. Concelebraram o Padre Leonir Nunes dos Santos, Superior Provincial dos Missionários Saletinos (MS), além dos demais sacerdotes Saletinos e do Padre Lucas Gobbo, Pároco da Paróquia Santa Dulce dos Pobres, Decanato São Matias, com a assistência dos Diáconos Maurício Luiz de Lima e Maurício Zagonel. (por Robson Francisco)

LAPA

Dom Edilson preside missa pelo jubileu de consagração das Irmãs Salesianas

BENIGNO NAVEIRA
COLABORADOR DE COMUNICAÇÃO NA REGIÃO

No sábado, 25, na Capela da Casa Santa Teresinha, no Alto da Lapa, Decanato São Simão, houve a celebração em ação de graças pelo jubileu de consagração à vida religiosa de 12 Irmãs Salesianas: Irmã Ruth Cardoso Ribeiro (80 anos); Irmãs Maria Gazzetto e Mathilde Conceição Orlando (70 anos); Irmãs Clarice Quereguini, Iracema Schoeps, Maria Eunice Siqueira Wolff, Olga Leme, Therezinha Caffer e Valentina Augusto (65 anos); Irmãs Manoracy Vitar Medeiros e Zenira Ostrowski (60 anos); e Irmã Ma-

ria de Lourdes Macedo Becker (50 anos).

A missa foi presidida por Dom Edilson de Souza Silva e teve como concelebrantes o Cônego Celso Pedro da Silva, Pároco da Paróquia Santa Rita, no Pari, Região Belém; e o Padre Elias Roberto, SDB, Vigário Paroquial da Paróquia São João Bosco, Decanato São Simão, com a assistência do Diácono Ronaldo Conti Della Nina.

O Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Lapa cumprimentou as Irmãs jubilandas pelo trabalho missionário realizado ao longo destes anos e suplicou a misericórdia divina sobre suas vidas em virtude da renovação de sua profissão religiosa.



Benigno Naveira



Benigno Naveira

Na manhã do domingo, 26, Dom Edilson de Souza Silva, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Lapa, presidiu a missa durante a qual concedeu a posse canônica ao Padre Renan Pinheiro de Oliveira, RCJ, como Pároco da **Paróquia São Pedro Apóstolo**, no Central Park, Decanato São Simão. Concelebraram os Padres Geraldo Tadeu Furtado, RCJ, Superior Provincial; Maike Grapiglia, RCJ, Ecônomo Provincial; e Anderson Teixeira, RCJ, Vigário Paroquial.

(por Benigno Naveira)

Na manhã do domingo, 26, na **Paróquia Santíssima Trindade**, na Vila São Domingos, Decanato São Bartolomeu, Dom Jorge Pierozan, Bispo de Rio Grande (RS), presidiu a missa e aproveitou para rever fiéis e amigos, uma vez que já foi pároco desta Paróquia antes de ser chamado ao episcopado. Concelebrou o Padre José Pedro Batista, Pároco. (por Benigno Naveira)

Nos dias 20 e 21, a **Associação Civil Gaudium et Spes (Ages)** realizou uma reunião para o planejamento anual dos trabalhos de 2025, conduzida pelo Padre Messias de Moraes Ferreira, Presidente, com a participação de funcionários e professores. Abordou-se, entre outros, temas como a Campanha da Fraternidade, ano jubilar, e a nova diretoria.



Pascom paroquial

Atos da Cúria

NOMEAÇÃO E PROVISÃO DE PÁROCO

Em 17/01/2025, foi nomeado e provisionado como **Pároco** da **Paróquia São José**, no bairro Vila Palmeiras, Decanato São Pedro, Região Episcopal Brasilândia, o **Reverendíssimo Padre Jorge Luís de Oliveira**, CSCJ, pelo período de **06 (seis) anos**.

Em 17/01/2025, foi nomeado e provisionado como **Pároco** da **Paróquia Santa Cruz**, no bairro Jardim Santa Cruz, Decanato São Filipe, Região Episcopal Brasilândia, o **Reverendíssimo Padre Frei Marx Rodrigues dos Reis**, OFM, pelo período de **06 (seis) anos**.

Em 17/01/2025, foi nomeado e provisionado como **Pároco** da **Paróquia São Miguel Arcanjo**, no bairro Vila Prado, Decanato São Pedro, Região Episcopal Brasilândia, o **Reverendíssimo Padre Ednilson Turozi de Oliveira**, pelo período de **06 (seis) anos**.

Em 17/01/2025, foi nomeado e provisionado como **Pároco** da **Paróquia Santa Luzia**, no bairro Jardim Primavera, Decanato São Pedro, Região Episcopal Brasilândia, o **Reverendíssimo Cônego Antônio Manzatto**, pelo período de **06 (seis) anos**.

Em 17/01/2025, foi nomeado e provisionado como **Pároco** da **Paróquia Nossa Senhora da Expectação**, no bairro da Freguesia do Ó, Decanato São Pedro, Região Episcopal Brasilândia, o **Reverendíssimo Padre Jorge da Silva**, pelo período de **06 (seis) anos**.

Em 17/01/2025, foi nomeado e provisionado como **Pároco** da **Paróquia Santa Terezinha**, no bairro Vila Teresinha, Decanato São Filipe, Região Episcopal Brasilândia, o **Reverendíssimo Padre Erly Avelino Guillén Moscoso**, MSA, pelo período de **06 (seis) anos**.
Em 17/01/2025, foi nomeado e provisionado

como **Pároco** da **Paróquia Sagrada Família**, no bairro Jardim Peri, Decanato São Filipe, Região Episcopal Brasilândia, o **Reverendíssimo Padre Gilberto dos Santos Martins**, pelo período de **06 (seis) anos**.

NOMEAÇÃO E PROVISÃO DE COOPERADOR DO PÁROCO

Em 17/01/2025, foi nomeado e provisionado como **cooperador do Pároco** da **Paróquia Nossa Senhora do Carmo**, no bairro Vila Brasilândia, Decanato São Pedro, Região Episcopal Brasilândia, o **Reverendíssimo Padre Pedro Ricardo Pieroni**, *até que se mande o contrário*.

PRORROGAÇÃO DE NOMEAÇÃO E PROVISÃO DE PÁROCO

Em 22/01/2025, foi prorrogada a nomeação e provisão como **Pároco** da **Paróquia São Pedro Apóstolo**, no bairro Vila Oratório, Decanato Santa Maria e São José, Região Episcopal Belém, do **Reverendíssimo Padre Jesus Andrade da Silva**, pelo período de **01 (um) ano**.

Em 17/01/2025, foi prorrogada a nomeação e provisão como **Pároco** da **Paróquia Bom Pastor**, no bairro Jardim Carombé, Decanato Filipe, Região Episcopal Brasilândia, do **Reverendíssimo Padre Natanael Pires da Silva**, pelo período de **01 (um) ano**.

NOMEAÇÃO E PROVISÃO DE VIGÁRIO PAROQUIAL

Em 17/01/2025, foi nomeado e provisionado como **Vigário Paroquial** da **Paróquia São José**, no bairro Jardim Russo, Decanato São Barnabé, na Região Episcopal Brasilândia, o **Reverendíssimo Padre Ezael Juliato**, *até que se mande o contrário*.

Em 17/01/2025, foi nomeado e provisionado como **Vigário Paroquial** da **Paróquia São Luiz Gonzaga**, no bairro Vila Santa Maria, Decanato São Pedro, na Região Episcopal Brasilândia, o **Reverendíssimo Padre José David Ramirez Velasquez**, *até que se mande o contrário*.

PRORROGAÇÃO DE NOMEAÇÃO E PROVISÃO DE ECÔNOMO

Em 17/01/2025, foi prorrogada a nomeação e provisão de **Ecônomo**, na Região Episcopal Brasilândia, do **Reverendíssimo Padre Aldenor Alves de Lima**, pelo período de **03 (três) anos**.

NOMEAÇÃO E PROVISÃO DE COORDENADOR REGIONAL DE PASTORAL

Em 17/01/2025, foi nomeado e provisionado como **Coordenador de Pastoral** da Região Episcopal Brasilândia, o **Reverendíssimo Padre Walter Merlugo Júnior**, pelo período de **02 (dois) anos**.

NOMEAÇÃO E PROVISÃO DE ASSISTENTE PASTORAL

Em 17/01/2025, foi nomeado e provisionado como **Assistente Pastoral** da **Paróquia Santa Cruz**, no bairro Jardim Santa Cruz, Decanato São Filipe, na Região Episcopal Brasilândia, o **Diácono Seminarista Frei João Manoel Zechinatto**, OFM, pelo período de **01 (um) ano**.

Em 17/01/2025, foi nomeado e provisionado como **Assistente Pastoral** da **Paróquia Nossa Senhora da Conceição**, no bairro do Jaraguá, Decanato São Barnabé, na Região Episcopal Brasilândia, o **Diácono Permanente Sr. Alessandro Oliveira Pedro**, *até que se mande o contrário*.

Em 17/01/2025, foi nomeado e provisionado como **Assistente Pastoral** da **Paróquia Santíssima Trindade**, no bairro Conjunto Habitacional Recanto dos Humildes, Decanato São Barnabé, na Região Episcopal Brasilândia, o **Diácono Permanente Sr. Josenildo Alves Martins**, *até que se mande o contrário*.

POSSES DE OFÍCIO:

Em 21/01/2025, foi dada a posse canônica como **Pároco** da **Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora**, no bairro do Bom Retiro, Decanato São Paulo, na Região Episcopal Sé, ao Reverendíssimo **Padre Justo Ernesto Piccinini**, SDB.

Em 21/01/2025, foi dada a posse de ofício como **Vigário Paroquial** da **Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora**, no bairro do Bom Retiro, Decanato São Paulo, na Região Episcopal Sé, ao Reverendíssimo **Padre Emerson Medeiros da Silva**, SDB.

Em 18/01/2025, foi dada a posse de ofício como **Administrador Paroquial** da **Paróquia Imaculado Coração de Maria**, no bairro Jardim Rodolfo Pirani, Decanato Sant'Ana e São Joaquim, na Região Episcopal Belém, ao Reverendíssimo **Padre Vidal Valentin C. Zapattini**, CSS.

Em 12/01/2025, foi dada a posse canônica como **Pároco** da **Paróquia Nossa Senhora de Loreto**, no bairro Vila Medeiros, Decanato Santo Estêvão, na Região Episcopal Sant'Ana, ao Reverendíssimo **Padre Valdeinei Nascimento Pini**, OSJ.

Em 12/01/2025, foi dada a posse canônica como **Pároco** da **Paróquia São Francisco Xavier**, no bairro Jardim Japão, Decanato São Tiago de Zebedeu, na Região Episcopal Sant'Ana, ao Reverendíssimo **Padre Aloízio José Nunes de Azevedo Júnior**.

Há 100 anos, Paróquia Nossa Senhora do Bom Parto é sinal de fé e presença evangelizadora no Tatuapé

CENTENÁRIO DA PARÓQUIA FOI CELEBRADO EM MISSA PRESIDIDA POR DOM CÍCERO, NO DOMINGO, 26

ROSEANE WELTER
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

Celebrar os 100 anos da Paróquia Nossa Senhora do Bom Parto, Decanato São Lucas, Região Episcopal Belém, no Tatuapé, na zona leste da cidade, é um marco de fé, esperança e evangelização para toda a comunidade.

Ao longo de um século, esta Paróquia tem sido um ponto de encontro para as famílias, um refúgio espiritual e um ponto de solidariedade no bairro. Sob a proteção de Maria, que com seu exemplo inspira confiança e devoção, a Paróquia tem a missão de levar a Palavra de Deus e os valores do Evangelho às gerações presentes e futuras.

Para comemorar a data, Dom Cícero Alves de França, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Belém, presidiu no domingo, 26, a missa solene em ação de graças pelos 100 anos de criação da Paróquia Nossa Senhora do Bom Parto.

A missa foi concelebrada pelo Cônego Tarcísio Marques Mesquita, Pároco e pelos padres Miguel Lisboa Aguiar, Vigário Paroquial, e Atanásio Enchioglio, Colaborador.

Na homilia, Dom Cícero ressaltou que celebrar os 100 anos da paróquia é celebrar sua história de fé e evangelização, e exortou os fiéis a serem uma comunidade eucarística.

ESPAÇO DE ORAÇÃO

A Capela Nossa Senhora do Bom Parto foi construída em 1908 e tornou-se a Paróquia Nossa Senhora do Bom Parto em 1925. Durante décadas, a antiga igreja esteve localizada no centro do largo que leva o mesmo nome. A partir de 1958, iniciou-se a construção da igreja atual em um terreno de 1900m², localizado na esquina entre as ruas Serra do Japi e Azevedo Soares, sendo concluída em 1983.

No dia 26 de janeiro de 1925, Dom Duarte Leopoldo e Silva, primeiro Arcebispo de São Paulo assinou o decreto que criou a Paróquia, desmembrando-a da Paróquia São José do Belém.

O templo é uma construção moderna, bem iluminada e arejada. Sua frente é composta de três entradas, divididas por colunas retas, separando três vãos retangulares superiores. Há duas entradas laterais: pela rua Serra do Japi tem-se acesso à secretaria e ao velário; pela rua Dona Cândida pode-se optar pela escada ou pela rampa de acesso.



Dom Cícero preside missa do centenário da Paróquia Nossa Senhora do Bom Parto; matriz de 1983 foi dedicada por Dom Odilo em 2017

No presbitério, elevado e amplo, destacam-se o altar e o sacrário. O crucifixo com a imagem de Cristo foi esculpido, em 1980, por Nelson D'Orazio, de um único tronco de madeira e respectivos galhos, durante quatro meses, e adquirido pela Paróquia em 1982.

A imagem de Nossa Senhora do Bom Parto, trazida de Portugal e doada à Paróquia por uma família de devotos, mostra a jovem Maria em pé, segurando e, ao mesmo tempo, oferecendo Jesus à humanidade.

COMUNIDADE DE FÉ, ESPERANÇA E SOLIDARIEDADE

Ao O SÃO PAULO, Cônego Tarcísio ressaltou que celebrar os 100 anos da Paróquia é momento de gratidão aos que construíram a comunidade ao longo das décadas e agradecimento aos que continuam a escrever a história.

“Celebrar o centenário é oportunidade para expressar nosso agradecimento aos que caminharam e aos que continuam trilhando essa jornada de fé e evangelização da cidade”, frisou.

O Pároco falou que para celebrar os 100 anos vários momentos estão sendo preparados. “A Santa Missa com nosso bispo auxiliar, preparamos um selo comemorativo e uma camiseta. Estamos viabilizando uma caminhada pelo bairro, um retiro espiritual e uma exposição com fotos e resgate histórico da paróquia”.



CONHEÇA A PARÓQUIA

Paróquia Nossa Senhora do Bom Parto
Rua Serra do Japi, 1172
Tatuapé – São Paulo – SP
@nossasenhordobomparto_tatuape



Fotos: Luciney Martins/O SÃO PAULO

Fernando Arthur

O Sacerdote mencionou a dinâmica pastoral. “Somos uma comunidade atuante nas diversas pastorais. Todas são importantes, destaco a Pastoral da Solidariedade para com nossos paroquianos em situação de rua. Estamos em uma região de classe média alta, mas o nosso trabalho ao nosso irmão de rua é semanal, com dois dias em que disponibilizamos banho, doação de roupas e refeição. A solidariedade é uma marca da nossa comunidade de fé”, mencionou Padre Tarcísio que atua na paróquia há 14 anos.

“O jubileu centenário nos convida a olhar com gratidão para o passado, renovando nosso compromisso com o presente e confiando o futuro à intercessão materna de Nossa Senhora do Bom Parto, que nos guia em nossa missão evangelizadora”, concluiu o Pároco.

TESTEMUNHO DE FÉ

Robson Alves, 46, bancário, contou a reportagem sua história com a paróquia Nossa Senhora do Bom Parto. “Sou de família católica. Nasci prematuro, de 8 meses. Ao sair da maternidade, o primeiro lugar para onde meus pais me levaram foi a Igreja Nossa Senhora do Bom Parto, para agradecer pela minha vida. Desde então, sou paroquiano. Foi lá que recebi os sacramentos da Eucaristia e da Crisma e, atualmente, atuo na pastoral do Crisma”, relatou ontem.

Vera Franulovic da Costa, 77, é paroquiana desde 1992. “Cheguei à paróquia e me encantei com a comunidade viva e atuante. Enfrentei várias dificuldades ao longo da vida, mas consegui superá-las com fé e com o apoio dos amigos que fiz ali na Igreja”, afirmou.

“Somos uma comunidade ativa e solidária. Fico feliz em ver o trabalho da pastoral aos irmãos de rua, as ações do bazar comunitário, a participação dos jovens na Catequese, os grupos de oração e a Pastoral da Saúde, que atua com amor e testemunhando o Evangelho”, destacou Vera, da pastoral da saúde e ministra extraordinária da Paróquia.

PADROEIRA DAS MÃES

Nossa Senhora do Bom Parto é uma devoção mariana e está profundamente ligada ao contexto da maternidade e da proteção das gestantes. A origem dessa devoção está associada aos primeiros séculos do Cristianismo, quando a Virgem Maria passou a ser invocada por mulheres que buscavam auxílio e proteção durante a gravidez e o parto.

No Brasil, a devoção chegou com os colonizadores portugueses e foi rapidamente acolhida pelos fiéis, especialmente pelas mulheres grávidas. Nossa Senhora do Bom Parto passou a ser não apenas um símbolo de proteção, mas também de esperança para as famílias que aguardavam a chegada de uma criança.

Em sua iconografia, Maria é frequentemente retratada com o Menino Jesus em seus braços ou em uma postura acolhedora, simbolizando a segurança e o cuidado materno.

Sua festa é celebrada no dia 8 de outubro.

Papa convoca comunicadores a partilhar com mansidão e proximidade

FERNANDO GERONAZZO
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

Com o tema “Partilhai com mansidão a esperança que está nos vossos corações” (cf. 1 Pd 3,15-16), a mensagem do Papa Francisco para o 59º Dia Mundial das Comunicações Sociais reflete sobre o papel da comunicação em tempos marcados por divisões, preconceitos e desinformação. O texto, divulgado na sexta-feira, 24, convida os comunicadores e jornalistas a se tornarem instrumentos de esperança e paz, contribuindo para um mundo mais unido e solidário.

O Pontífice começa destacando os desafios de uma comunicação que, muitas vezes, gera medo e rancor: “Hoje em dia, com demasiada frequência, a comunicação não gera esperança, mas sim medo e desespero, preconceitos e rancores, fanatismo e até ódio”.

O Santo Padre critica o uso da palavra como “arma”, seja por meio de simplificações excessivas ou informações distorcidas, que buscam dividir ao invés de unir. Além disso, Francisco chama a atenção para o impacto negativo da “dispersão programada da atenção” promovida por sistemas digitais que manipulam percepções com base em interesses de mercado, fragmentando comunidades e enfraquecendo o bem comum.



Vatican Media

VIRTUDE QUE TRANSFORMA

Francisco reflete sobre a virtude da esperança, inspirando-se na encíclica *Spe Salvi*, do Papa Bento XVI, na qual é dito que “quem tem esperança, vive diversamente; foi-lhe dada uma vida nova”. Ele também menciona o escritor Georges Bernanos: “A esperança é um risco que é preciso correr. É o risco dos riscos”.

O Papa se aprofunda na mensagem da Primeira Carta de São Pedro, lembrando que a comunicação deve ser feita com mansidão e proximidade. “A comunicação dos cristãos – e eu diria até a co-

municação em geral – deve ser feita com mansidão, com proximidade: eis o estilo dos companheiros de viagem”, escreve.

O sucessor de São Pedro sonha com uma comunicação que não provoque fechamento, mas que inspire abertura e amizade, e enfatiza que é necessário “apostar na beleza e na esperança, mesmo nas situações aparentemente mais desesperadas”.

PROMOTORES DE UMA COMUNICAÇÃO DO CUIDADO

Concluindo, Francisco encoraja os comunicadores a contarem histórias de

esperança, sendo “exploradores de ouro que, incansavelmente, peneiram a areia em busca de uma pequeníssima pepita”. Ele os exorta a “procurar praticar uma comunicação que saiba curar as feridas da nossa humanidade”, promovendo o diálogo e construindo pontes em um mundo fragmentado.

O Papa finaliza com uma visão inspiradora: “Sede testemunhas e promotores de uma comunicação não hostil, que difunda uma cultura do cuidado, construa pontes e atravesse os muros visíveis e invisíveis do nosso tempo”.

Mensagens de Francisco para o Dia Mundial das Comunicações

A mensagem de 2025 é a 12ª de Francisco. Confira, a seguir, quais foram os outros temas abordados pelo Pontífice para a data:

2014 - Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro

O Papa Francisco enfatiza a importância de uma comunicação que promova uma cultura do encontro, destacando que a comunicação deve estar a serviço da proximidade e do encontro entre as pessoas.

2015 - Comunicar a família: ambiente privilegiado do encontro na gratuidade do amor

Francisco reflete sobre o papel da família como o primeiro lugar onde aprendemos a comunicar. Ele destaca que a família é o ambiente privilegiado para o encontro na gratuidade do amor, sendo fundamental na formação de uma comunicação baseada no respeito e na compreensão mútua.

2016 - Comunicação e misericórdia: um encontro fecundo

O Papa destaca a relação entre comunicação e misericórdia, afirmando que uma comunicação autêntica deve ser baseada na escuta, no diálogo e no respeito pelo outro. Ele enfatiza que a misericórdia pode criar um encontro fecundo, promovendo a compreensão e a reconciliação nas relações humanas.

2017 - “Não tenhas medo, que Eu estou contigo” (Is 43, 5): Comunicar esperança e confiança, no nosso tempo

Francisco encoraja uma comunicação que pro-

mova esperança e confiança, mesmo diante das dificuldades e desafios do mundo moderno. Ele enfatiza que os comunicadores têm o dever de inspirar coragem e otimismo, evitando narrativas que alimentem o medo e o desespero.

2018 - “A verdade vos tornará livres” (Jo 8,32): Fake news e jornalismo de paz

O Papa aborda o fenômeno das “fake news” e destaca a responsabilidade dos comunicadores em buscar e divulgar a verdade. Ele chama a atenção para a importância de um jornalismo que promova a paz, rejeitando a falsidade e a desinformação que podem causar danos à sociedade.

2019 - “Somos membros uns dos outros” (Ef 4,25): das comunidades de redes sociais à comunidade humana

Francisco reflete sobre o impacto das redes sociais na comunicação humana. Ele alerta para os riscos de isolamento e polarização nas plataformas digitais e enfatiza a necessidade de transformar as comunidades online em espaços que promovam a solidariedade e o respeito mútuo.

2020 - “Para que possas contar e fixar na memória” (Ex 10,2): A vida faz-se história

O Papa enfatiza o poder das histórias na formação de nossas vidas e culturas. Ele encoraja a partilha de narrativas construtivas que promovam a compreensão, a paz e a solidariedade, destacando que a comunicação deve ajudar a construir pontes e não muros.

2021 - “Vem e verás” (Jo 1, 46): Comunicar encontrando as pessoas onde estão e como são

Francisco incentiva os comunicadores a irem além das notícias de segunda mão e a se envolverem diretamente com as pessoas, encontrando-as onde estão e como são. Ele destaca a importância de uma comunicação que envolva encontro e experiência direta, promovendo autenticidade e compreensão mútua.

2022 - Escutar com o ouvido do coração

O Papa sublinha que a primeira escuta necessária para uma comunicação verdadeira é a de si mesmo, reconhecendo as necessidades mais autênticas inscritas no íntimo de cada pessoa. Ele enfatiza que a comunicação humana deve ser uma modalidade essencial para viver a comunhão, promovendo uma escuta aberta e honesta do outro.

2023 - Falar com o coração

“Testemunhando a verdade no amor” (Ef 4, 15). Após refletir sobre os verbos “ir e ver” e “escutar” em anos anteriores, o Papa Francisco enfatiza a importância de “falar com o coração”. Ele destaca que a comunicação deve ser aberta e acolhedora, testemunhando a verdade no amor e evitando a imposição de pontos de vista sem consideração pelo outro.

2024 - Inteligência artificial e sabedoria do coração: para uma comunicação plenamente humana

O Papa reflete sobre como a evolução da inteligência artificial está transformando a comunicação e a informação. Ele questiona o que significa ser humano na era das inteligências artificiais e enfatiza a importância de recuperar a sabedoria do coração para garantir uma comunicação verdadeiramente humana.

Esperanças e desafios do mundo da comunicação marcam o início das peregrinações do Jubileu

FILIPE DOMINGUES
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO, EM ROMA

Comunicar é “sair de si mesmo para dar um pouco para o outro”, disse o Papa Francisco no sábado, 25, em audiência com comunicadores católicos de todo o mundo, presentes em Roma para o Jubileu dos Comunicadores. Trata-se da primeira peregrinação oficial organizada em Roma neste Ano Santo.

“Comunicação é encontro com o outro. Saber comunicar é uma grande sabedoria”, acrescentou ele, falando de improviso aos presentes. Seu discurso preparado não foi pronunciado, mas apenas entregue em sua versão escrita.

LIBERDADE DE PENSAMENTO E DE EXPRESSÃO

Em seu texto, o Papa recordou que o Jubileu está sendo celebrado em um momento difícil da história humana, “com o mundo ainda ferido por guerras e violência, pelo derramamento de tanto sangue inocente”. E elogiou o trabalho de muitos jornalistas e profissionais de comunicação que se arriscam para contar a verdade e os “horrores da guerra”.

Pediu orações pelos jornalistas que “assinam seus serviços com o próprio sangue” e os que são presos ou silenciados pelo simples fato de serem jornalistas. Além das palavras e da imagem,



outros instrumentos de trabalho importantes do comunicador são o “estudo e a reflexão, a capacidade de ver e de escutar”, afirma.

“A informação livre, responsável e correta é um patrimônio de conhecimento, experiência e virtude que deve ser preservado e promovido. Sem isso, corremos o risco de não mais distinguir a verdade da mentira; sem isso, nos expomos a preconceitos e polarizações crescentes que destroem os laços da

convivência civil e impedem a reconstrução da fraternidade”, escreveu.

NARRAR COM O CORAÇÃO

A capacidade de colocar-se do lado de quem está marginalizado, “de quem não é visto nem escutado” é uma virtude do jornalista, diz Francisco. Citando a mensagem para o Dia Mundial das Comunicações, ele acrescentou que ter coragem quer dizer “ouvir com o coração, falar com o coração, valorizar a

sabedoria do coração, compartilhar a esperança do coração”.

O Pontífice defendeu a necessidade de se promover a educação midiática e o pensamento crítico. “Precisamos de empreendedores corajosos, engenheiros de *software* corajosos, para que a beleza da comunicação não seja corrompida. Grandes mudanças não podem ser o resultado de uma multidão de mentes adormecidas, mas começam com a comunhão de corações iluminados”, afirma.

Trabalhar juntos, em rede

A comunicação católica deve ser sempre animada pela fé e ancorada na oração, afirmou o Santo Padre na segunda-feira, 27, quando recebeu em audiência privada os bispos referenciais e os profissionais de Comunicação das conferências episcopais.

“A comunicação cristã é para mostrar que o Reino de Deus está próxi-

mo: aqui, agora, e é como um milagre que pode ser experimentado por cada pessoa, por cada povo. Um milagre que deve ser contado, oferecendo as chaves para olhar além do banal, além do mal, além dos preconceitos, além dos estereótipos, além de si mesmo. O Reino de Deus está além de nós”, declarou.

Duas palavras devem orientar o trabalho dos comunicadores católicos: “juntos e rede”. Disse ele: “A comunicação, para nós, não é uma tática, não é uma técnica. Não é repetir frases de efeito ou *slogans*, nem simplesmente escrever comunicados à imprensa. A comunicação é um ato de amor. Somente um ato de amor livre tece re-

des do bem. Mas as redes devem ser cuidadas, consertadas, todos os dias. Com paciência e com fé.”

Nesse sentido, “trabalhar em rede significa colocar habilidades, conhecimentos e contribuições *on-line*, para poder informar adequadamente e, assim, ser salvo do mar de desespero e desinformação.” (FD)

‘O Espírito é o fundamento do nosso caminho ecumênico’, diz Papa na Conversão de São Paulo

Encerrando a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, como é tradição, o Papa Francisco presidiu a oração das Vésperas na Basílica de São Paulo Fora dos Muros, no sábado, 25, em Roma. A cerimônia solene é realizada juntamente com representantes de outras tradições cristãs do Oriente e do Ocidente.

“Crês nisto?” foi a questão que orientou a Semana deste ano, uma referência ao Evangelho segundo São João (11,26). “Esta mensagem de esperança está no centro do Jubileu que iniciamos”,

disse o Papa. “O apóstolo Paulo, cuja conversão a Cristo recordamos hoje, dizia aos cristãos de Roma: ‘A esperança não engana, porque o amor de Deus foi derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado’ (Rm 5, 5). Todos nós – todos! – recebemos o mesmo Espírito, e este é o fundamento do nosso caminho ecumênico”.

O Bispo de Roma fez menção ao aniversário de 1700 anos do Concílio Ecumênico de Niceia, do qual surgiu a primeira oração do “Creio”, e afirmou aos líderes

religiosos presentes que a Igreja Católica está disposta a trabalhar para que a Páscoa seja celebrada por todos na mesma data.

“De modo providencial, este ano, precisamente durante o aniversário ecumênico, a Páscoa será celebrada no mesmo dia tanto no calendário gregoriano como no juliano. Renovo o meu apelo para que esta coincidência sirva de estímulo a todos os cristãos para darem resolutamente um passo rumo à unidade, em torno de uma data comum, uma data para a Páscoa”, disse ele. (FD)

Domingo da Palavra de Deus

Outra ocasião para refletir sobre o tema da Comunicação e encerrar o Jubileu dos Comunicadores foi a missa do Domingo da Palavra de Deus, 26, celebrado no terceiro domingo do Tempo Comum. O Papa Francisco falou do Evangelho como “a força do Espírito que age na história”. O anúncio da “Boa Nova” é a lembrança de que Deus visitou seu povo, comentou.

“Não esqueçamos que o Senhor está próximo, é misericordioso e compassivo. A proximidade, a misericórdia e a compaixão são o estilo de Deus. Ele é assim: misericordioso, próximo, compassivo”, declarou. “Ao realizar a nossa libertação, ele anuncia-nos que Deus se aproxima da nossa pobreza, redime-nos do mal, ilumina os nossos olhos, quebra o jugo das opressões e faz-nos entrar no júbilo de um tempo e de uma história em que Ele se faz presente, para caminhar conosco e nos conduzir à vida eterna.” (FD)





A Trielotur é a Operadora de Turismo com **maior índice de aprovação do mercado**. Nossa meta é cuidar de pessoas, sempre entregando um **atendimento humanizado**, logística diferenciada e **serviços únicos**, para que seu sonho seja realizado e a evangelização aconteça. Aqui, você escolhe peregrinar com **segurança**. Vem viajar conosco você também!



Confira alguns de nossos principais destinos:

-  Santuários Marianos
-  Terra Santa
-  Itália e Vaticano
-  Grécia e Turquia
-  E muito mais

Confira alguns de nossos serviços:

-  Peregrinações em grupos Nacionais
-  Peregrinações em grupos Internacionais
-  Pacotes turísticos em grupos Nacionais
-  Pacotes turísticos em grupos Internacionais

Escaneie o QR Code para entrar em contato e visite também nossas redes sociais:



-  @trielotur
-  @Trielotur
-  Trielotur

 **Trielotur**
VIAGENS E PEREGRINAÇÕES